

PQ

9697

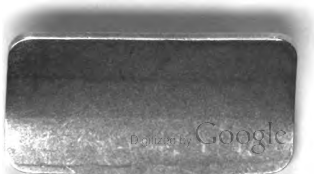
.M2725

E8

1885

ESTILHACOS

MARTINS JUNIOR



Izidoro Martins Junior

ESTILHAÇOS

(Edição definitiva)

Laboremus!



RECIFE
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL
1885

27/ash

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

ESTILHAÇOS

José Isidoro
(Isidoro) Martins Junior /

ESTILHAÇOS

(Edição definitiva)

INDIANA UNIVERSITY
LIBRARIES
BLOOMINGTON

Laboremus!

PQ

9697

.M2725

E8

1885



RECIFE
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL
1885
Mau-

5-13-76.

A Meus Paes:

JOSÉ IZIDORO MARTINS

E

FRANCISCA E. D'OLIVEIRA MARTINS

Dedico



AOS "ESTILHAÇOS"

Ide! Agitae ao sol as azas escarlates,
O' poemas febris! Sois filhos dos combates
Que meu craneo travou no ethereo acampamento
Onde este bom soldado herculeo—o Pensamento
Tem a sua barraca honesta e luminosa;
E portanto deveis, na face gloriosa,
Mostrar a calma luz dos peitos aguerridos
Que não sabem tremer nem d'arma dos bandidos
Nem da espada leal dos inimigos francos!...
Ide impavidos, pois! Quando os cabellos brancos
Me vierem cercar com um resplendor de lua
A cabeça senil, infecunda, já nua
De ideaes, de illusões, de crenças, de esperanças;
Talvez que apenas seja em vós, doudas crianças,
Que eu encontre um regaço, um ninho immaculado,

Onde vá repousar o coração chagado,
—Meu pobre coração avido só de Bem!...

Ide e lutae por mim, meus versos! Mas tambem
No dia em que, á marchar, sentirdes que o cansaço,
O desanimo escuro, o tabido mormaço
Do tédio, sobre mim, vêm vindo, como o corvo
A' pairar sobre um morto,—então não vêde estorvo
Que vos prohiba a volta! Alae-vos para o lar,
E vinde joviaes de novo me infiltrar
A crença no futuro, o amor das utopias,
As vermelhas visões que nos meus floeos dias
Eu procuro esboçar na tela desta vida!...

Versos! P'ra mim vós sois, mais que um pharol,—guardida!



.....
Qu'à défaut de splendeurs lyriques, de beautés
Eclatantes, du moins de fortes vérités
Jaillissent de ces vers!.....
.....
J'écris pour les penseurs, et non pour ces vautours,
Ces gens d'ordre, qu'on voit rôder aux alentours
Des budgets, devorant les morts sur les rivages!

ALFRED BERTHEZENE : *Le Progrès.*



A' EMILE LITTRÉ

(Depois da leitura do seu artigo: — *Pour la dernière fois*)

A' CLOVIS BEVILAQUA.

Ó Mestre! O' grande pae dos vastos corações
Honrados e viris dos bons conspiradores,
Que vertem contra o Mal os pallidos suores
Do moderno labor, das amplas intuições
Nascidas do dever, crivadas de clarões!
Eu quero te saudar aqui, da minha terra,
A' luz d'uma expansão vibrante, filial,
Bem como se saúda em cima d'uma serra
Os sanguinosos tons e o fogo tropical
Que o rubro sol, de tarde, atira enormemente
A' opala sensual e triste do poente!...

Ouve-me, pensador! Escuta-me, gigante!

Um dia a tua voz athletica, possante,

Feita de inspiração, de ardor e de verdade,
Branca como a virtude e como a mocidade,
Cantou junto de mim a estrophe radiosa
Translucida, immortal, querida, harmoniosa,
Do futuro, da paz, do amor, da Evolução,
Do mundo visto á luz de nova concepção !
E foi nesse momento, ó sabio ! que lançando
A vista, o meu olhar, pelo infinito espaço,
Do lado em que Paris alteia a loura frente ;
Eu vi brilhar no azul teu vulto venerando
Emergido do albor longinquo do horisonte
E cheio de lauréis, no turbido fracasso
Que fizeram, tombando, as velhas comprehensões
Da vida, do dever, das civilisações!...

E crê que desde então, ó Mestre ! eu me curvei
Perante o teu olhar, perante a tua lei
Extatico, á tremer, pavido, fascinado,
Sentindo dentro em mim o fremito sagrado
Que deve enlanguecer e deve acorrentar
Um crente fervoroso em face d'um altar.

Sim. Dahi por deante, ininterruptamente
O' bronzeo lutador !

Eu tenho acompanhado a orbita valente
Que tu traças veloz no céu da Humanidade,
Como um ruivo cometa em toda a magestade
Do seu curso etheral, brusco, deslumbrador !

Tenho-te acompanhado o giro das idéas,
Todo esse turbilhão frenético, sem peias,
Dos sentimentos d'hoje, e prompto a te aclamar,
Disposto a te seguir, e sempre a imaginar
No mármore senil da tua larga testa
Dançarem radiações d'um ideal em festa !

Por isso é que sentindo agora que tu'alma
Despede-se de nós, da Sciencia, do combate,
Para ir-se ao calor, para atirar-se á calma
Do ninho da familia onde não ha o rebate
Estridulo, sem fim, da luta das paixões,
Dos systemas, das leis, das fundas dissenções ;
Eu busco te enviar do amago do peito
A minha saudação rythimica, o meu preito !

Acceita-o, grande mestre. O cyclo luminoso,
Esse longo estadio aberto e rumoroso
D'um estoico viver altruistico, profundo,
Que tu sagraste ao Justo e consagraste ao mundo
Prendendo-o á nossa edade innovadora, austéra,
Como uma nebulosa ao plano d'uma esphéra ;
Esse cyclo potente,— está fechado agora
Pela tua palavra universal, sonora !

O' rigido ancião, ó velho novo e bom !
O' franco sonhador do vigoroso tom
Da musica do Bem !

Te ensinaram outrora
A' amar sempre o porvir, á caminhar na aurora !

Salve, ó cimentador cyclopeo, venerando,
Dessa reconstrucção que está se elaborando
Em roda do presente!
Salve, ancião que foste um recto combatente!

* * *

Neste momento estás a descansar, sereno,
Como um leão senil, na curva de um terreno....
A idéa de morrer não te cava no rosto
Uma só ruga mais, e esperas sem desgosto,
Co'uma resignação de martyr hodierno,
Que desça sobre ti o pesadello eterno
Que transforma a rasão em gazes deleterios
E faz, d'um cancro, flor, no chão dos cemiterios...

Mestre! Podes morrer. E' assim a illuminada
Vida de quem, si um dia, ergueu alguma espada,
Foi para reverter-lhe a lamina que aterra
Contra a dor, a miseria, o despotismo, a guerra.

Essas vidas-clarões terminam sempre assim:

— Com a brancura ideal, virginea, d'um jasmim!

1880.



CASTRO ALVES

Não ; não morreste não, condor brasileiro,
Que nunca morrerão teus puros versos !

NARCIZA AMALIA

Quem foi, quem foi o homérico gigante
Que se rojou no chão daquella campa,
Qual o condor que farto das alturas...
Adormeceu nos matagaes do pampa?...
Silencio, em roda ! Ess'alma lapidada,
Esse diamante immerso na poeira,
Egual ás gemmas do collar dos seculos
Ha de rolar dos seculos pela esteira !

E rolará, de certo ! O craneo vasto
— Amphora aberta aos lumes d'amplidão—
Que fez brotar *espumas fluctuantes*
Como perlas, do mar da inspiração,
Não pode ser do barro do sepulchro

— Carcere humilde que não prende Hugos,—
Quando esses deuses são trophéos, que a terra
Ao louco orgulho do Infinito oppoz !

Era um poeta, esse mancebo. Ergueu-se
Como a espiral do vento do deserto,
Quando cospe a saliva das areias
No dorso nu do beduino incerto !
E, sacudindo aos seios do universo
Os luminosos cantos do porvir,
Enfestonou com os louros do talento
A face azul do rapido existir !

O sorvedouro enorme das idéas
Esbatia-se ali naquelle peito,
Bem como o turbilhão de *Paulo Affonso*
Bate nas rochas, pallido, desfeito !
E como as espadanas crystalinas
Da catadupa immensa no fracasso,
Assim da fronte aureolada, joven,
Saltou das melodias o estilhaço !

Foi grande como a luz. A Liberdade
Era-lhe um templo esplendoroso, extenso,
Onde cantava o orgam da esperança,
Onde resava o Ideal suspenso...
E ao distillar do choro dos *escravos*
Serpejando na treva da tristeza,

Pareciam punhaes as suas rimas,
Que porejavam tons de Marselheza!

Elle amou e sentiu... Mas não deixava
Da Nova Lei os santos arraiaes!
Byron tambem aos beijos da Princeza
Ouviu da Grecia os soluçantes ais.
Quando os dedos de fogo do Progreso
Deslaçavam as silvas do caminho,
Do perfumoso collo das Haydèas
— Aguia da luta — elle fugia ao ninho!...

Silencio, pois, deante dessa tumba
Que representa um auto do futuro!
E nem ao menos a miseria de hoje
Roce os degráos desse alcaçar escuro....
Sim. Que esse vulto decomposto nelle
Deixou, morrendo, no troar da gloria,
« Após um nome do universo n'alma
Um nome escripto no Pantheon da historia! »

1878.





A HISTORIA

(Imitação ampliada de uma poesia de Ruckert)

A' CLODOALDO FREITAS

Foi no solo da Asia. O magico propheta,
O *Chidder* immortal que a Persia tinha visto
Com a loura pallidez ternissima do Christo
Rasgar, atravessar, como uma eterna setta,
Os barathros do tempo, as noites sem medida,
Que gestaram no espaço o movimento, a vida;
E correr, e saltar por cima das collinas,
Dos pagodes, do mar, dos povos, das ruinas,
Sem nunca se cançar e nunca envelhecer;
O mytho que sentia a seiva rosicler
Da alegre juventude infinita, valente,
Queimar-lhe sem cessar o craneo de vidente;
Parou n'um certo dia á margem d'uma estrada
E contou esta historia á multidão pasmada:

— Eu passei uma vez ao pé de uma cidade
Grande, trabalhadora. O ar da liberdade

Enchia os corações d'uma alegria bôa,
Bella como o porvir, forte como a leôa!
Admirou-me a luz e admirou-me a paz
Daquelle progredir intermino, tenaz,
Que eu via se estender prodigiosamente.
Aproximei-me então. A flora do oriente
Abria n'um jardim pequeno, delicado,
O seu largo viver pujante e perfumado.
Um homem contemplava a purpura das flores.
E colhia de manso os fructos tentadores....

E eu disse-lhe : Em que tempo, ó bronco jardineiro,
Rude cultivador das rosas do canteiro,
Edificou-se aqui esta cidade enorme
Que parece, de longe, um Briareu que dorme?
Respondeu-me o hortelão : Desde que o mundo existe,
Desde que brilha o sol, tudo isto que tu viste
Se acha neste logar uberrimo, fecundo,
E só sucumbirá quando morrer o mundo!

E eu puz-me a caminhar... Dez seculos após.
Busquei no mesmo sitio o som da mesma voz.

Não vi mais dessa vez a murmura cidade
Altiva, vigorosa. A' frente de uma herdade
Um campo sacudia a sua coma escura
Feita de vegetaes e feita de frescura...
E emquanto um somnolento e placido rebanho

Mordia e ruminava aservas do vallado,
E a flauta do pastor em sonoro banho
De musicas, de sons, molhava o descampado;
Eu pude perguntar a um rustico aldeão:
— Quem foi que destruiu a valida nação,
O povo senhoril que eu vi neste logar?...
O rustico tornou-me: O teu imaginar
E' louco e pueril; aqui, eternamente
Medraram, medrarão sóervas e semente !

E eu puz-me a caminhar... Dez seculos após
Busquei no mesmo sitio o som da mesma voz.

Achei, porem, agora um grande mar troante,
Intermino, febril, colerico, espumante,
Em cujo dorso azul o sol relampejava !
Olhei por sobre a praia. Um homem atirava
Ao ventre desse abysmo a rêde traiçoeira
Enquanto a onda alçava a turva cabelleira.
E eu disse ao pescador, então, me avisinando:
O' velho, ha quanto tempo, ou antes: desde quando
Sacode este oceano aqui as suas vagas?...
O homem respondeu-me admirado, rindo:
— O mar sempre aqui foi; mesmo co'o mundo findo
O mar ha de lavar estas risonhas plagas !

E eu puz-me a caminhar... Dez seculos após
Busquei no mesmo sitio o som da mesma voz.

Já não havia mais o mar impetuoso
Quebrando sobre a rocha o corpo monstruoso.
Eu vi uma floresta e vi uma cabana.
A seiva sensual, potente, americana,
Parecia saltar das arvores, do chão,
Por entre o magestoso e grosso turbilhão
Dos troncos collossaes, das folhas, dos verdores!
Então eu perguntei a um homem que abatia
Um galho secular, si acaso elle sabia
A edade sem limite, os annos roedores,
Que deveria ter, em si, aquella selva
Banhada pelo orvalho, erguida sobre a relva...
E ouvi esta resposta: Eu amo esta floresta
Tanto quanto se adora os risos d'uma festa.
Meus paes viveram sempre á sua fresca sombra,
E eu pretendo morrer na solitaria alfombra
Das folhas, do seu pó. Mas ella augmentará
Porque nunca seccou nem nunca morrerá!

E eu puz-me á caminhar... Dez seculos após
Busquei no mesmo sitio o som da mesma vez.

Mas inda dessa vez um panorama novo
Abriu-se ao meu olhar. A forte voz do povo,
A voz que tem gerado os grandes cataclysmos,
E tem aberto ao mundo as fauces dos abysmos
Purpureos e mortaes chamados — Rev'luções,
Bramia n'uma praça, assim como os trovões

Entretanto o ideal da plastica da Grecia
Junto ao recato puro e grande de Lucrecia
Fizeram-lhe a textura aerea tão sonora,

Que eu peço permissão p'ra, unguido de respeito,
Ir plantar esta flor na urna de seu peito,
E ouvir-lhe a vibração da musica da aurora!

1879.





DUAS EPOCHAS

(Pelo tricentenario de Camões)

I.^a EPOCHA:— 1580

Não despregueis o olhar desse mendigo obscuro!
—Vêde como coseu-se agora contra o muro
A sombra desse vil, que anda como um ladrão,
Fugindo á sociedade e amando a escuridão!
Não despregueis o olhar. Ouvistes um lamento
Feio como a agonia e vago como o vento?
Nada de sacudir p'ra fora do caminho
Essa miseria viva, esse nocturno ilóta,
Como se faz aos cães: com a ponta d'uma bota!
— Isso seria mais um penetrante espinho
Cravado sob os pés d'um desgraçado ser!...
Demais, eu vos exponno e dou-vos á entender
O enigma infeliz que tendes ante os olhos
Como um bocado ruim de trevas e de escolhos...

Ouvi: Naquella esquina escura, amarellenta,
Em que se quebra ao longe a rua somnolenta

N'uma concentração profunda de mudez;
Ali, onde se estira ás vezes um vadio,
E passa velozmente um pavido burguez
Que segue para casa a esconjurar o frio;
— Ali negreja um vulto.

E' quando a noite vem
Que elle se esconde, assim como quem teme alguém.
Embuça-se n'um manto aspero, esfarrapado,
Faz leito d'uma sombra, exhuma o seu passado,
E deixa-se bater das auras murmurossas
Emquanto as horas vão... cruas, silenciosas...
Mas inda não é tudo. Esse ignorado pária
Que tem dentro de si a flamma tumultuaria
Dos instinctos fataes que nascem da miseria,
E que dorme ao languor da pallidez sidérea
Mysterioso e só como uma sphynge antiga,
Espera no seu posto a vibração amiga
D'um peito, d'uma voz, que é quem lhe afaga a vida
Trememente, sem calor, anemica, dorida!...

Então mais tarde, quando a treva rarefeita
Avista muito longe os risos da alvorada,
E a luz vai á beijar a terra que se enfeita...
Representa-se ali a scena magoada
D'um drama original, tragico, nebuloso!
O entrecho é muito curto inda que doloroso;
E' isto: — Um'outra sombra esguia, fugitiva,
Cujo tropego andar reflecte se na ogiva

E que passa gemendo e que pede uma esmola ;
Depois de ter lançado á sordida sacóla
Uns pedaços de pão achados no monturo
E uns miseros vintens que um coração mais puro
Dignara-se atirar em cima do mendigo :
Dirige-se p'ra ali, junto do seu amigo,
— O vulto silencioso habitador da esquina —
E dá-lhe p'ra comer n'um angulo da praça
O tabido manjar do espolio da desgraça !

E' que rói-lhes o corpo, — acelerada, fina,
A fome — essa brutal, essa potente traça !

.....

E agora sabeis mais: Si a luz adamantina
Da face desse heróe vestido de villão
Que soube ser escravo e sabe ser irmão ;
Si o largo sentimento, o fundo amor filial
Desse mendigo-rei, dess'alma sem rival,
Não tivessem aberto luta contra a sorte...
Ha muito que o rigor da grande lei da morte
Teria aniquilado o amigo, o vulto austero!...

E então jamais alguem naquelle olhar severo
Podia ler sem custo o poema do tormento
Como elle o padeceu: duro, sombrio, lento !

A vida desse vulto?... — E' pavorosa, triste,

Como o quadro do Dante á que Ugolino assiste.
— Soldado, elle sentiu verter-se o proprio sangue,
— Amante, viu su'alma esphacelada, exangue,
Mordida aos dentes vis d'um negro preconceito;
E — Poeta, ao palpitar gigante de seu peitò,
Sentiu a inspiração seccar na indiferença!
Agora... vive só na escuridade extensa
Do pólo do existir onde não entra a luz.
Mora no esquecimento, arrasta a sua cruz,
E vae talvez buscar p'ra alivio de seu mal
O ultimo remedio: — as portas do hospital!

.....

Ha uma cousa só depois de tudo isso:
— Da cova e do coveiro o lugubre serviço
A remover um corpo e a revolver a cal....

Mas ha tambem da Historia o jury triumphal.

2.^a EPOCHA: — 1880

O sol rompeu agora as nevoas do oriente.

Formoso, sensual, cyclopico, esplendente,
Um raio seu dourou as cupulas do espaço
Que alveja como o linho e fulge como o aço!

Anda pelo universo uma alegria estranha
Que vôa da montanha
E vôa do infinito,
E que abrange não só a penha de granito
Como o verde silvado, os corações e as almas.

Parece que ha um côro unisono de palmas
Fazendo levantar o echo nos barrancos,
E abrindo longamente uns risos muito francos
Na enorme vastidão dos largos continentes!
Alteiam-se na mata os jubilos das aves,
Pavidos, innocentes,
Vividos e suaves;
E eu vejo no frescor da Humanidade inteira
Uns tons de heroicidade antiga e sobranceira!

* * *

Silencio! E' um grande preto a grande procissão
Que o mundo de hoje faz á turbida mansão
Da historia e do passado!

E' um cortejo santo
Esse, que leva a terra á derramar seu pranto
Na tumba onde repousa um forte combatente
Das pugnas da Idéa, e á pôr-se reverente
De joelhos, compungida, ante uma pobre ossada
D'um velho pensador!

Silencio, pois; silencio! A divida sagrada
Que nós pagamos hoje entre o prazer e a dôr
Ao ser que se partiu nas duras privações
D'uma existencia vil e se chamou Camões
— O soldado do Tejo e o martyr de Macáo —
Ha de nos afastar emfim da consciencia
O peso que produz um pesadello máo ...

E já que agora mesmo as Artes, a Sciencia,
As lettras e o labor, n'uma harmonia enorme,
Embalsamam de luz o lutador que dorme,
Creando deste modo as festas do futuro ;
Abramos sem temor o nosso seio puro
A's santas expansões destes exemplos grandes,
Limpos como o crystal, soberbos como os Andes!

* * *

Perante esse painel sereno, illuminado,
Que mostra neste instante um brilho immaculado
A' face esmeraldina e magica da America,
Eu sinto-me tomar d'uma paixão homerica,
Estridula, gigante ;
E chego a me julgar na idade radiante
Em que sonho o Trabalho, o Justo e a Liberdade
Reinando sobre a Terra e unindo a Humanidade!...

1880.



AO POVO

Desfaz! Quebra! Estilhaça o teu rosario,
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos!

G. BRAGA

Lève ton front, peuple. je te proclame
De la couronne heritier presomptif.

BERANGER

E, tempo de afiar a espada da Vingança
No rochedo immortal da tua consciencia!
O' Povo! Para longe a torpe somnolencia,
E faze d'um direito a ponta d'uma lança!

Eu vejo-te servil, chlorotico, doente,
Atado, como um Christo, ao tronco da polé!
Nem sentes mais vibrar o turbilhão da fé
No concavo do peito asperrimo, fremente!

Outrora, quando a luz dos rabidos canhões,
— A luz da independencia, a luz do teu olhar,
Erguia-se feroz com a pompa d'um altar
Com o fervido ruir das grandes explosões ;

Outrora, quando o vulto austero de Gonzaga
E o martyr Xavier, sobre o torrão Mineiro,
Arcavam contra a lei ferina do estrangeiro
Em gritos de fusil, com o ferro d'uma adága ;

Nos tempos em que o Norte ouvia Theotonio
E a lava — Rev'lução bramia em Pernambuco,
Nos tempos em que o sabre e a falla do trabuco
Alçavam Pedro Ivo ao ruivo pandemonio,

Então, ó Povo! Sim! Tu eras um gigante,
O fero Adamastor das lendas do passado!
Saltava-te do craneo heroico, illuminado,
A immensa radiação d'um astro deslumbrante !

Mas hoje... não tens mais essa loucura santa.
Deixaste a f'licidade electrica da Gloria,
E sepultaste até nos antros da memoria
O pó das tradições, os louros que se canta !

E agora... eu tenho pejo até de te apontar
Escuta! — o reluzir do céu da Redempção;
Parece que olvidaste o vulto de Catão

E gostas de sentir o vicio respirar !...

O mundo que te fecha, o mundo que te abraça
E' feito de tortura e risos de entremez ;
Conhece-se de ti na gangrenada tez
O craneo embriagado, a consciencia baça !

Os sátrapas da lei, teus velhos inimigos
Que abriram-te um bordel e deram-te um Senhor,
Fizeram-te beber o vinho do impudor
No calice infernal dos turbidos castigos!

E nem se te revolta o sangue americano,
E guardas a mudez do eunucho bestial!
No emtanto sobre o monte as aguias do Ideal
Alongam seu caminho harmonioso, insano....

E' tempo de apagar o teu peccado, ó Povo!
Esquece o Prometheu e divinisa Attíla!
Descerra uma cohorte, apresta a tua filla,
E fortifica n'alma o pensamento novo!

Eu quero te avistar estoico, ensanguentado,
Arremessando o corpo aos tremedaes da luta !...
Afasta do teu labio o copo da cicuta!
Aperta contra o flanco as c'rôas do passado!

1879.



AO AR LIVRE

O', minha amante! O' Muza!
Inclina-te p'ra mim;
A noite está confusa
Bem como um sonho ruim.

Curva o seio teu de opala
Sobre o aço de meu peito;
Emquanto o arvoredado falla
Nós buscaremos um leito.

Ha uns tremulos vagidos
Aqui, nesta solidão:
Eu acho que são gemidos
Da materia em gestação.

Anda depressa. O teu braço
Tem sensações maviosas;

Vamos dormir neste paço
Feito de comas frondosas!

O vento vibra apressado
Umas notas exquisitas,
Fazendo ao manto do prado
Umas ligeiras visitas...

Parece que andam gnomos
Enchendo esta vastidão,
E a treva fazendo momos
Dorme, estirada no chão!...

Caminha! Vem. Nós amamos
A luz das scintillações!...

.....

Os astros no céu são ramos
Que dão-nos a flor — clarões!...

1879.





A SECCA

Ha desertos terriveis, flagellados
Por um sol implacavel. Vastos mares
De areia movediça se desdobram
Até perder-se alem nos horisontes.
Nem uma gotta d'agua nesses ermos!
A noite lhes negou seu fresco orvalho,
E as chuvas do verão fugir parecem
A' seu horrido aspecto....

F. VARELLA

Horror! A natureza ás vezes é madrasta.
Quando a raiva lhe vem, agarra uma vergasta,
Um elemento seu, — e vai matar o pária
Em vertigem febril, em furia incendiaria!
Por isso é que passou alem um vendaval
Cheio de morte e luz, cheio de treva e mal,
E da rubra chapada ao torrido terreno
O ar que se respira é feito de veneno....

Aprofundae o olhar no seio d'um sertão.
E' um exemplo brutal que esmaga o coração :

Na morbida nudez da esphera afogueada,
Que luz como uma braza e fere como a espada,
Escuta-se um rumor pesado, lancinante!
De vez em quando passa o bando ruminante
Dos escravos sem côr da gleba da miseria,
E sente-se ondular uma tristeza funerea,
Estranha, dissoluta, impavida, infinita,
Ao som de cada pranto, ao som de cada grita!...

As aldeias estão como sepulchros vivos.
Em roda vê-se a dôr — a larva dessa valla,
Erguer-se e rastejar com gestos afflictivos!
No meio do estertor da vida que se estala
O espaço empederniu-se. Os fogos tropicaes
Embebem-se no solo assim como punhaes.
A luz meridiana, em curvaturas quentes,
Espalha pela terra uns tons encandescentes
Que têm scintillações mortíferas, nervosas!...
A enorme rispidez das serras luminosas
Está como um protesto irado de granito
Alçado no deserto á sanha do infinito,
E os raios do Equador, os grandes raios broncos,
Sahiram como sahe a cascavel dos troncos
Para andar tonsurando a varzea, os campinaes!...

Nem saltam mais da terra as seivas vegetaes!
Por toda parte a morte estende-se em negror,
Como photographando a esqualidez do horror!

Olhae : Vai perpassando um grupo lazarento,
Roto como um andrajo e máo como um lamento!
A ruiva solidão da silenciosa estrada
Tem um riso de hyena e traços de agonia...
Referve a calidez. As pedras da esplanada
Escondem no areial uma feição sombria.
E os queimados aldeões, os párias, vão andando
Cadaverosos, nus... Talvez que recordando
O tempo que se foi, a quadra da fartura,
Quando havia um painel de rustica ventura
Em cada coração de rude sertanejo,
E havia cada flor que parecia um beijo
No pavido rosal pueril da virgindade!

Caminham sem cessar. Atroz fatalidade
Incita-os a seguir, como um chicote em fogo,
E não attende ao choro e não attende ao rôgo.
Arrastam-se na poeira estrangulados quasi
Pelos pulsos da dôr, na derradeira phase.
Os paes vão estancando as lagrimas dos filhos
Co'os cardos da deveza e dos luzentes trilhos,
E ás supplicas das mães e ás preces das crianças
Juntam pragas fataes, agudas como lanças!
Dante estremeceria ! — Os tabidos montões

Dos corpos sem calor, dos podres esqueletos,
Estão servindo agora ás sordidas paixões
De abutres sensuaes, carnivoros e pretos....
E os leitos que elles têm — os pobres foragidos,
São esses estendaes de carne, apodrecidos!
E' mais escuro, então, que a lenda de Ashavero
Esse supplicio cru, ensanguentado e fero !

E é tanto mais cruel, quanto esse polvo—a fome
Enlaça-lhes o ser em contorsões sem nome!

Os cyclones da morte, os cyclones da Dor
Lançaram certamente o busto atterrador
Por sobre este local, por sobre este torrão!
O bravio corsel infrene do tufão
Arrastou por aqui a pata impetuosa.
As arvores, o rio, a fonte murmurosa ;
Os passaros ; a grei dos rijos animaes
Que em trabalhos fieis, grandes e joviaes
Eram o complemento aos lares do matuto ;
Desertaram tambem do circulo polluto
Onde viram tombar os laivos da desgraça,
E fôram se atirar, como infamada raça,
Ao fundo sepulchral dos perfidos barrancos
Que deram-lhes por cova as pedras de seus flancos!

E assim tudo ruiu no immenso cataclysmo.
Desde a ponta do monte ao vortice do abysmo,

Desde a antiga cabana até onde houve prado,
Avista-se somente o chão incinerado
Escancarando o rosto estolido, ruim...

Deve ter sido assim a face de Caim!



Agora erguei a vista esgazeada. Ouvi-me :

Irmãos! Si foi castigo ou si houve um grande crime
Que levou a pregar na cruz do desespero
Os filhos do trabalho, um povo todo inteiro;
Si não foi um producto ou rev'lução fatal
Da eterna natureza heroica e maternal
Essa calamidade insana e pavorosa;
Si o rabido Jeovah, o Jove moribundo
N'um accesso sem fim de colera invejosa
Sacudio para cá das sombras do seu mundo,
Como andam propalando os mochos do papado,
Essa chuva de fogo em troco d'um peccado...

Então — a execração da livre Humanidade
Ha de ser um phantasma em frente á divindade !
.....

E eu, que não sacrifico ás aras do egoismo,
Que não vergo a cerviz ao cego servilismo

E que creio no Bem, no Justo, no Ideal;
Eu anathematiso em nome da Sciencia,
Em nome da Verdade, á luz da independencia,
A imagem secular do velho Deus do mal!

1879.





GUERRA DO SECULO

A' LEOVIGILDO SAMUEL

O poeta é como o sol: o fogo que elle encerra
E' quem espalha a luz nessa amplidão sonora!
Queimemo-nos á nós illuminando a terra;
Somos a lava, e a lava é quem produz a aurora!

GUERRA JUNQUEIRO

Desperta, pensador! As orbitas dos mundos
Mergulham-se na luz que brota do levante,
No fogo que concebe os ideaes profundos;
E o ruivo meteóro — a Evolução gigante
Tem risos de crystal — os risos bons, fecundos!

Vai deixando na terra os sulcos da charrua
A Idéa, a idéa nova — o Etna candente!
E vai deixando a treva exposta, fria e nua,
Ao osculo polluto e flaccido e mordente
Da sombra do passado estatelada e crua!

Um grande magnetismo azuleo, jovial,
Feliz como a criança e forte como o aço,
Estende no horisonte um hymno ethereal,
Rosado como a flor, sonoro como o espaço,
Ensanguentando a face anemica do mal!...

Mas vem a reacção com a raiva leonina.
As lettras, o futuro, as glorias, o trabalho,
Obriga-os a fugir.... o pó de uma batina,
Que ruge como a forja ao manejar do malho
No templo que ella odeia — a esplendida officina.

E a luta é lampejante. O Bem, a Liberdade,
Os lumes da sciencia, as flores da rasão,
Encontram no caminho a sordida maldade,
A vil hypocrisia, a negra maldição
Da c'rôa e da thiara — algozes da verdade !

E então pelos degrãos da camara papal
Embriagada vê-se a pallida Justiça,
Emquanto a messalina — a purpura real —
Asphyxia o Direito, ouvindo mesmo a missa,
E compra, dando esmola, o rir de Juvenal !

E' arena gigante aberta aos gladiadores
Todo o infinito azul que abraça globo e globo.
E ao pé dos pharizeus que andam plantando dores
Do polo norte ao sul, passa brincando o bôbo,
Curvo como um alphange e vil como os pretores....

Vamos ao chão da liça! Erguei-vos, corações
Cujos sangue é de lava e vos chamaes poetas!
Aprendei a servir de ninho ás gerações
Que sabem meditar o verbo dos prophetas
E contam do progresso as ferreas pulsações.

Desdobrai pelo ar vossas enormes almas
Feitas de muito fogo e feitas de harmonia!
Vós deveis procurar do Capitolio as palmas
Nas entranhas do povo, — a região sem dia
Que não conhece aurora e tem tristezas calmas!

Faz-se mister que além dos languets trovadores
De lyra modulada ao vento das paixões,
Haja Titães de bronze, ousados lutadores,
Que batam-se do seculo aos vividos clarões
Em nome da Justiça, em prol dos soffredores.

Porque:—só se attrahindo á pugna vermelha
Os cerebros de ouro, as laminas da idéa,
Fazendo-se florir o ensino — essa scintella,
E' que ha de se matar a escuridade feia
Que projecta-se ahi como hedionda velha!

E já que os mundos têm as orbitas em luz,
Emquanto o vicio alvar fermenta como a lama,
Façamos resaltar o pensamento á flux,
Beijando á delirar da liberdade a flamma;

Roubemol-o ao supplicio infame de Jesus.

Tiremos desse grande incendio — a indignação—
A chispa do dever, a braza do heroismo,
Para lançar o crime — o Judas da rasão
Na gorja famulenta, escura, d'um abysmo,
Ou enxotar a *Fé*, como se enxota um cão!

E como é necessaria a guerra no universo
Para livrar da morte o raio genial
Que embala o pensador como se fôra um berço,
— O poeta deve ter somente contra o Mal
Este canhão — a Idéa ; este pelouro. — o Verso!

1879.





NO CAMPO

A' GASPAR REGUEIRA COSTA

O' bosque! Abre-me os braços teus, os musculosos
Membros, d'onde a resina em bagos sanguinosos
Pinga, como o suor do corpo de um gigante!

Eu vim me embebedar, alegre qual bacchante,
Com o vinho que tu tens nas dornas do teu seio!

A immensa robustez que traz-te o corpo cheio
Das orgias da luz, das florações da vida,
A athletica expansão dess'alma enriquecida,
Que lava-te o perfil n'um banho esmeraldino,
Um banho sensual, esplendido, divino,
Replecto de prazer, replecto de saude;
Essa explosão de força exuberante, rude,
Que rebenta de ti como rebenta o chão

Quando o estertor sacode os peitos do vulcão,
E que faz do teu ser um palacio encantado,
Um palacio de seiva, oriental, dourado
Pelo genio do sol — o Rubens do infinito;
Todo esse fermentar cyclopico, ruidoso,
Grande como o Ideal, possante como um grito,
Que tu sentes bater no teu ventre orvalhado,
— A flor, a luz, a seiva, o espaço immaculado....

Tudo isso descerrou-me as cem boccas do gozo!

Eu vivia lá fóra, insupportavelmente,
No múrmur da cidade entrecortado e quente
Peiado pelo *spleen*, mordido pelo tédio.
Atolava-me então na pacatez doentia
D'um conego sem côr, engordurado e nedio...

Mas aquelle que vive assim como eu vivia
Nas modernas Babeis chamadas capitaes,
Que são feitas de cal e feitas de gangrenas,
De purpuras de aurora e halitos de hyenas;
Aquelle que tem visto as lutas colossaes
Do rabido centauro — a torva multidão —
Subirem sem parar, assim como um balão,
Aos paramos sem fim das coleras fataes...
Oh!... esse deve ter o rubido sentir
Do amor da natureza electrico, selvagem,
Que faz d'um tronco bruto um mundo de folhagem!

Por isso foi que eu vim, ó bosque! Para ouvir
O esturdio ramalhar da tua enorme coma,
E os ruidos de luz que beijas quando assoma
Tirando-te o barrete em cima da montanha
O Sol, o grande rei, o fulgido Pachá!

.....

E mais: para mirar a corpolencia estranha
Que mostras no teu bojo e fructifica e dá,
N'um anceio jovial, indomito e eterno,
Quer seja no verão ou nos prantos do inverno!

.....

Pois bem. Vae te vestir de pompas e de flores!
Eu preciso beber os limpidos licores
Fabricados por ti de orvalhos e de mel.
No teu robusto lar, bem como n'um tonel,
Eu hei de descobrir os vinhos mais custosos,
E havemos de passar momentos preciosos
Arremedando aqui as saturnaes pagans!....

Nem sabes como estou contente. Nas manhans
Em que a luz fôr de mais e o ar 'steja cantando
Nós havemos de pôr-nos juntos, evocando,
Os satyros de Horacio, as dryades gentis,
E talvez que reviva o buccolismo. Ris?...

.....

Entretanto eu irei sorvendo o teu vigor
O' bosque, ó grande paço informe, encantador!

E enquanto eu te cantar |a rustica belleza...
Beijarei no teu ser o ser da Natureza !...

1879.





PHANTASIA

A' LIMA BOTELHO

A corda, Inspiração! Muza, voemos
Pelo azulado e limpido regaço.
Vamos pousar nas fimbrias das estrellas,
E beber o luar alem, no espaço!

Aninha-se o favonio nos cabellos
D'uma fada nocturna e vaporosa....
Não vês os sylphos espargindo flores
No regaço da noite magestosa?

As ondinas no mar timidias vagam,
Dormem, nuas, sedentas de ardentia.
Vamos passar na face do oceano,
Demos-lhe, ó Muza, um floco de harmonia!



Tudo canta, não vês? Ali é o vento
A suspirar endeixas nos baledos....
Aqui — a fonte, a solidão e o echo
Murmurando entre si ternos segredos!

O manto eburneo da divina Phebe
Se estende ao longe n'um matiz de prata;
Ala-te, fada! Aos alcantis sidereos
O vôo altivo do condor desata!

Ha muito genio á se librar nas gazas
Tepidas, leves, do alcaçár dos céos!...
Lá nas alfombras dos ethereos campos
Vicejam flores sob azuleos véos!

E os genios bailam dedilhando as harpas
Tenues, banhadas no orvalhar da noite,
E as flores languês vão dormir sentidas
Das leves auras ao fragrante açoite!...

Delira e canta! A natureza dorme
Semi-velada no setim do bello.
Ella — a odalisca dos harens do éther
Dá vida ao carne, aos corações anhelos!

O espaço é immenso. As tuas azas d'ouro
Guardam perfume, o devaneio exhallam.
Abre-as e larga as suspirosas notas
Que enlevam tudo e que minh'alma embalam!

Minh'alma é garça alvinitente e pura
Que immerge o collo no caudal marino....
Lava-lhe as plumas nas ceruleas ondas
Da Poesia, — esse caudal divino!...

Sinto que as cordas do meu peito estalam
Do teu halento ao perpassar vivace;
Muza! Sacode o teu sendal de sonhos
A' minha triste e scismadora face!...

1877.





POSITIVISTA

A' GENERINO DOS SANTOS

Podeis abrir no espaço as boccas estridentes
O' torvas creações da vesga Theologia!
Mas antes aprendei: A **E**volução sombria
Matou no santo hastil a escura flor dos crentes!

Não vingam d'ora avante as putridas sementes,
Os germens que alentaes no pó da sachristia.
O tempo — a grande mó — na eterna romaria
Ensurdeceu a terra aos gritos dos videntes....

Debalde, pois, marchaes por entre o nebuloso
Buscando o vosso Olympto anemico, ocioso,
Occulto pelo azul do placido horisonte.

Debalde! Pois que mesmo o vão Metaphysismo
Envervou a libré sem côr do anachronismo,
Quando, bella, surgiu a Lei de AUGUSTO COMTE !

1879.





ECHO DOS TROPICOS

A' FRANCISCO CAMPELLO

Era uma tarde azul, esplendida e sonora
Como um sonho de amor, ou musica que chora.

O ar, oceano ethereo, arfava brandamente
Como um seio de moça em flaccidez dormente.

Das orlas do horisonte os alourados nimbos
Pendiam, como a flor dos mádidos corymbos,

E o sol mandava a luz cortante como espadas
Beijar o ventre á terra em crispações douradas....

Era uma tarde assim: garrúla, americana,
D'uma alegria fulva, indefnida, insana.

Pejavam a amplidão de scintillantes faustos
Do Deus — a Natureza — os fecundantes haustos;

Da serra ao pedregulho e da palmeira á gramma
Parecia saltar a poesia em chamma....

E o campo abria os hirtos braços ás enxadas
Qual mãe que abrisse o peito ás filhas esfaimadas!

Tinha delirio a sombra; a luz tinha expansões
Ali, na face adusta e rija do sertões;

Borbulhava o viver ahi onde o Calvario
Levanta-se p'ra o Christo — o rustico operario!

Perdia-se no espaço em mávias espiraes
O callido vapor dos climas tropicaes;

E a tarde semelhava a indigena, que á sesta
Se vinha recrear na rede da floresta.

Tanto era grande o quadro, a natureza virgem,
Que o vento era condor e o céo tinha vertigem....

Mas faltava na tela a plastica suprema
Dessa belleza agreste e livre de Iracema;

Faltava-lhe o sorrir da dryade eloquente
Que fallasse aos hervaes e ás perlas da torrente!

Vinha, porem, silvando entre os frechaes da cana
O corpo amorenado e langue da serrana....

* *
* *

Um as ondulações selvaticas, escuras,
Como as que o pó sacode á noite nas planuras
Quando a semente brota ao magro camponez,
Pareciam lamber o corpo da matuta,
Iam de quando em vez
Deitar-se-lhe no seio, assim como na gruta.

Andava se esgueirando o fluido dos campos
Grande como o que é bom, magnifico, subtil;
E o crepusc'lo atirava ao mato pyrilampos,
Para irem, marchando em batalhão gazil
A' tasca dos paúes,
Comprar phosphorecencia e diffundir a luz

Ella bebia á tragos
Essa corrente immensa, electrica, expansiva,
Como quem sorve esse suor, que em bagos
Mana dos póros nús da noite pensativa.
O aroma da baunilha
Não deixava no espaço o philtro que corria
Da basta cabelleira escura dessa filha
Do valle e da montanha em mascula harmonia !

Feliz o coração

Que soubesse apertar nas roscas da paixão
O ambar desse perfil, o ser da brasileira,
Com o fundo amor do sol que banha a cordilheira !

Ella, porem, amava

Apenas com a su'alma ardente de Moema
A claridade branca e leve que voava,
Do seixo do terreiro a lapidada gemma,
E o dorso da gazella

Que corria e brincava, ingenua como ella !

Os frescos tons gracís da tez dessa menina,
Flexiveis como o hastil da rosa da campina,

Eram tão joviaes ;

Que avistando-lhe a forma ao longe, os taquaraes

Davam risadas loucas,

E abriam pela encosta as viridentes boccas !

Emquanto houve reflexo azul pelo horisonte

A serrana fallou com as arvores do monte.

Depois... ao desbotar do dia no occidente,
Quando tudo é segredo ás cousas somnolentas,

E o lavado vapor das casas fumarentas

Expandia-se alem como quem 'stá contente,

Ella... deixou a sombra esqualida do prado

E foi beijar o pae — o cyclope do arado !

1879.



A POESIA ANTIGA

A' HONORIO MONTEIRO

O romantismo sombrio
Morreu a noite passada,
Espirou como um vadio
N'um catre d'agua furtada.

GUERRA JUNQUEIRO

Eu conheci de perto a triste Muza antiga.

Muitas vezes a vi chorando uma cantiga
Aos lubricos portaes das perfidas Ninons,
Deixando-se morder aos dentes do desejo
Como quem quer a morte em meio as sensações!
Era um phantasma quasi. Agora mesmo a vejo
Atravessar a praça, estúpida, sombria,
Deixando germinar a flor da hypocondria
Naquelle seio vil como um montão de estrume,

Aonde se talhara a rabida caverna
Do que é negro e que é máo, do tédio e do ciume,
N'uma luta voraz, estrepitante, eterna!

Quando ella se mostrava em seu delirio errante
Com a graça d'uma flor e os vicios d'um tunante
Crivados no perfil como adereços bons,
Parece que se ouvia uns labios bestiaes
Soprando umas canções
Estridulas, fataes,

Na vasta limpidez do radioso espaço!
O pallido fulgir do seu olhar devasso
Abria-se na luz como um espelho enorme,
E via-se atravez desse crystal informe
A immensa hediondez de um'alma espedaçada,
Biliosa, febril, doente, ensanguentada!

Era o lyrismo *azul* que dava a inspiração
E havia o mysticismo em cada coração....

Um instincto sensual, ruim, destruidor,
Uma nevrose forte, uma explosão de amor,
A syphilis do corpo e a syphilis da alma,
Bastavam p'ra collar a luminosa palma
Da filha do Ideal — a rubida Poesia
Sobre a face venal de muita frente esguia!

E então essa mulher, a *Muza*, o sentimento,

Fina como o luar, dura como um tormento,
 Andava pela rua, andava pelos peitos;
 E fazia pulsar, aos comicos trejeitos
 De seu *tom* libertino,
 O largo coração alegre, pequenino,
 Das Ophelias do lar,
 Que têm dentro de si um perfumoso altar....

.....

Felizmente, porem, comida da anemia,
 Gastada pela dôr no vago do hysterismo,
 Para sempre cahiu, — a velha Poesia,
 Legando-nos somente o travo do cynismo!

*
 * *

Mas é que já romperá a lucida explosão
 Dos planetas do Bem, dos astros da Rasão,
 Dos que têm de vibrar os versos immortaes....
 E agora, no silencio uberrimo da paz,
 Apparece a Sciencia, austera, vigorosa.
 A nova geração radiante, jubilosa,
 Aprende que o trabalho é gigantesco e bom,
 E começa o ruido esplendido de um som
 Que provem do cultivo á seára do Direito,
 E dá-nos largamente
 O pão á cada bocca e luz á cada peito!

Irrompe do levante a marulhosa enchente.
E os amplos ideaes, as vastas utopias,
As crenças varonis, as santas energias,
Alteiam-se febris, aladas, coruscantes;
Emquanto a Pithoniza — a Poesia Nova —
Com a fulva radiação das almas flammejantes,
Prophetisa p'ra o Mal a treva d'uma cova!

1879.





OS AVÓS

A' JOSE' CARLOS JUNIOR

Foi um grupo gigante de valentes
Aquella geração de DESESSETE.
Tinha a força indomável do ariete
Unida á grande fé dos velhos crentes.

Era um punhado bom de corações,
De almas fecundas como a luz do sol!
Ella arrancou as chammás do arrebol
Para fundir o ferro de uns grilhões.

Estou vendo-a passar ante meus olhos
Impolluta, severa e gloriosa....
Leva no corpo a chlamyde sem folhos
Da Liberdade — a virgem radiosa !

E que altivez solemne no seu vulto!
E que energia de aço no seu ar!
Ella vem imponente como um culto,
E a Historia verga sob o seu pisar.

Desfillam nella os palidos heróes
Daquelle tempo austeramente puro.
E eu vejo-os virem do passado escuro
Como uma augusta legião de sóes!

São os avós, os corajosos velhos
Que nos deram a aurora SEIS DE MARÇO,
—Esse poema illuminado, esparso,
Que brilha hoje como mil espelhos!

São os avós. Antepassados rectos
Vieram ver o que fizemos nós.
Mas ai! Seus torpes, seus espurios netos,
Não lutam mais e nem siquer têm voz!

* * *

Sim. Os atletas varonis de outrora
Devem chorar, e lagrimas de sangue.
A geração que os representa agora
E' corrompida, indifferente, langue!

Elles lutaram por amor da Idéa

Entre explosões de colera sagradas;
Escreveram com as folhas das espadas
Os versos de ouro e bronze da Epopéa;

Trabalharam serenos como os paes
Que querem dar uma fortuna aos filhos....
E nós sujamos os heroicos brilhos
Dos seus nobres labores immortaes!

Nós, em logar de repellirmos bravos
O jugo, o Rei, como elles o fizeram,
Vamos comendo como vis escravos
O pão sem côr que os vencedores deram!

.....
.....

Oh! E' preciso que os avós revivam!
Para tirar-nos deste fundo abysmo
Faz-se mister o rubido heroismo
Daquellas almas qu'hoje as sombras crivam!

1881.





CINCO TRIOS

I

Propaganda

A' CLOVIS

Não ha que recuar. O sec'lo é uma batalha,
NE desta guerra aberta ha de jorrar a luz!
O futuro abençoá aquelle que trabalha
E o moderno operario é mais do que Jesus!...

O' Povo! O' « grande nada »! Ouvi : a Musa austera,
Cyclopica, immortal, que chama-se Direito,
Prendeu, exterminou a saguinaria féra
Que plantou-vos no corpo a chaga-preconceito!

A' vós portanto cumpre o posto da estacada,
A' vós portanto cumpre a carabina, o gladio....
E' preciso afogar-se o sol que retrográda!
O Justo, a Liberdade, a Sciencia; eis o palladio!

II

Tiradentes

A' FELICIANO GOMES

A's vezes quando lanço a lamina do olhar
A's sombras do passado, entre os fusis da Historia,
Eu sinto no organismo um doudo latejar
Que accende-me clarões nas trevas da memoria!

E então è quando vejo os vultos colossaes,
Os athletas viris, os bronzeos lutadores
Que fizeram do Bem o ferro dos punhaes
E das taboas da lei os gladios matadores...

Subirem como o sol nos amplos orientes
Da velha humanidade inhospita e servil....
E então é quando eu vejo o martyr Tiradentes
Rasgando o plumbeo luto informe do Brazil!

III

Seis de Março

A' LINHARES D'ALBUQUERQUE

Surge, data de luz! Eu sinto o teu olhar
No turbido silencio estranho do passado,

Como um fallar aereo, heroico, desusado,
Que nos aponta um alvo enorme qual o mar!

Pousa nesse horisonte as tuas mãos nervosas
Com que plantaste outrora a flor — Revolução!
Eu tenho dentro em mim as sensações grandiosas
Que tu sabes erguer no albor desse clarão!

Nem pensas quanto eu amo as eras immortaes
Que ouviram palpitar o coração do povo!...
Escuta: é que ellas têm os grandes cordiaes
Que aquecem-nos a alma e trazem sangue novo !

IV

A' Reacção

A' JUSTINO VIEIRA

Eia ! Deixae troar o verbo da Verdade
Em rubida explosão, ó crentes de Loyola !
Os brilhos cortezãos que tem a Egreja, o frade,
Morrem, vendo de longe a magestade ... Escola !

Eu sei que está rasgada a sordida estamenha,
Esse ascetismo vil que vós vestis por fóra!...
Hypocritas! Despi a mascara ferrenha,
E vinde ver na terra o sol da nova aurora !



Vamos ! Incendiae esse arsenal bilioso
Aonde accumulaes as vossas raivas mudas !
O seculo dezenove — o hereje luminoso —
Não teme as maldições e o osculo de Judas !

V

Atonia

A' NASCIMENTO CASTRO

Sinto um canção negro em meio as grandes lutas
Que abalam brutalmente o meu viver rasteiro.
Nem vejo mais as leis que vêm nas Institutas,
Nem penso em Beaudelaire, nem abro o meu Junqueiro !

Ando cynico e máo; inconscientemente
Arrasto atraz de mim um tedio formidavel,
E sinto se me abrir a bocca enormemente
Quando olho para o livro historico de Clável.

Vêm-me até tentações diabolicas, fataes,
Que fazem-me lembrar o morto romantismo !
Mas ai ! Eu antes quero o tedio e seus punhaes
Do que a face sem côr do Lamartinianismo !

1879.



AO LUAR

A' JOÃO FREITAS

Faz um puro luar assetinado.
A rua cheia de uma doce luz
Tem a alvura da face de Jesus
E o seu branco sorriso deificado.

Como placas enormes de crystal
Assoalhando um alcaçar de fadas,
Brilham no sólo as lages das calçadas,
Vivas, sob esta luz meridional....

A lua lambe o firmamento todo.
E a terra inteira, n'um nervoso doudo,
Deixa molhar-se do luar na espuma,

Como si fôra uma criança meiga
Que caminhasse entre orvalhada veiga
Sentindo alegre a sensação da bruma!...

1881.





TENEBRÆ

(Por occasião dos acontecimentos de 27 de Junho, em
Santo Antão)

A' ARTHUR ORLANDO

Le monde est mort. Le peuple un âne qui se cabre !
La force c'est le droit. Courbons-nous. Gloire au sabre !

VICTOR HUGO: — *Chatiments.*

Muza! Quero contar-te em versos crus, modernos,
Quentes como os crueis supplicios dos infernos
Das velhas religiões,
A estúpida tragedia informe, lutulenta,
Que sobre a alma do povo energica, sangrenta,
Eu vi desenrolar-se em nome das paixões,
Em nome do Poder e em nome da desgraça
Que por cima da patria ha tanto tempo passa !

Não tens de que velar a face, não. Retira

As lagrimas do rosto, e deixa que se fira
 O teu potente olhar nesse espectáculo escuro!
 Nos funeraes da plebe a Muza do Futuro
 Tem por obrigação crystalisar n'um canto
 Os brados da Justiça e as perolas do pranto !

* * *

Fica uma igreja alem. Semelha-se a um quartel
 Em que se sente agora o rapido tropel
 Da soldadesca vil, aguardentada e bruta
 Que apresta-se p'ra o crime e já deseja a luta !
 Fóra, ao redor do templo, em vaga convulsão,
 Vê-se passar o povo entre a scintillação
 Dos pedaços de sol e dos reflexos de aço
 Que esbatem-se na rua e perdem-se no espaço!...

Espera-se do *Accaso* um parto monstruoso
 Feito de sangue e lama. Um *que* de nebuloso
 Enche toda a amplidão de enigmas fataes
 Que têm dentro de si lampejos de punhaes!...

.....

Ouve-se de repente uma explosão tremenda,
 Como se a terra toda houvesse aberto a fenda
 Horrisona, febril, das boccas dos vulcões!

.....

Olha-se então p'ra o sólo, e avista-se uns montões
De carne lacerada aonde o fumo e o pó,
Os odios e os fuisis entranham-se sem dó
N'uma voracidade barbara de hyenas,
Que não respeitam chôro e não conhecem penas !

— E' o homem que regressa ás eras canibaeas
Do cyclo medieval deixado para traz !

* * *

E foi comtudo assim, ó Muza ! que se deu
Debaixo do esplendor dos raios deste céu
Azul, americano,
O CRIME DA VICTORIA horrendo, deshumano,
Em que se espedaçou a effigie do Direito
Aos dentes do cutello, ás garras do facão
Do soldado venal, do ignorante aldeão,
Que fôram só ali fazer do rude peito
Asylo para ballas!...

Eu não defendo nunca as sanguinarias alas
Da nua populaça aluida de paixões,
Senão quando uma Idéa, a flor das convicções,
Aclara-lhe a cabeça e doura-lhe o semblante
Erguido para o Bem, como um phanal radiante !

Mas sempre que eu presinto, ó Muza! que o Poder,

⊙ Rei, a Bayoneta e a Força — essa mulher
De aspecto senil e barbaro e cruel

Que reveste uma farda —

Fazem o seu papel

Mandando assassinar na agitação d'um pleito
Onde busca-se a Lei, procura-se um direito,
Desde o rico magnata ao pobre da mansarda....
— Lamento dentro em mim que a Humanidade tenha
Mudado o coração n'uma inquebravel penha !

E então vem-me uma raiva impavida, mortal,
Contra a cousa chamada — o Throno Imperial,
Chamada Monarchia,
D'onde eu vejo rolar perenne, dia a dia,
O lixo, o despotismo, as asquerosidades
Da purpura, da C'rôa, e as asperas maldades
D'umas mentiras vis com o nome de — eleições,
Repectas de terror, inçadas de truões,
Que dão-nos afinal isso que estamos vendo:

— A plebe trucidada, o morticínio horrendo!

* * *

O' Povo! E' sobre ti que eu choro a minha pena!
Quem se lembra de ti?... Porque cahiu na arena
Um *grande* mais ou dois, alarma-se a cidade!

.....

E os teus irmãos, emtanto, além, na soledade,
Sentem sombriamente a escuridão da valla
Pesar-lhes sobre o corpo aberto pela balla !

O' martyr do trabalho! O' Povo! A tua vida
Parece-me uma luz tremente, sem guarida !

1880.





A FRANÇA

(Fragmento)

A' CONSTANTINO PEREIRA

.....
.....
Eu sempre venerei a França vencedora.

Por entre a viração silvestre, inspiradora,
Que agita em minha terra o ventre das florestas
E abraça ao mesmo tempo as tremulas arestas
D'um monte luminoso, e a face amorenada
Dos filhos do Equador...

Em meio á caminhada
Poenta e vagarosa, exanime e tardia,
Que nós vamos fazendo em busca desse dia
Em que eu espero ver os brilhos do Progresso
Abrirem deste sólo ao ultimo recesso

As pompas ideaes da próvida Sciencia ;
Entre a folhagem verde, alegre como um beijo,
E entre o gelo do tédio e as brazas do desejo ;
Eu nunca me esqueci da minha reverencia
Ao longinquo solar da Galia soberana !...

Toda vez que eu a vejo heroicamente ufana,
Rasgando como um astro o azul dos horisontes,
Curvar todos os reis, beijar todas as fronteas,
E erguer no largo céu sereno e deslumbrante
O seu olhar de mãe da alvura do diamante ;
Sempre que eu a presinto, austera como um templo,
Ditar-nos uma lei, mostrar-nos um exemplo,
E mudar um lampejo, um fusilar de idéa
N'um grito de victoria, um rasgo de epopéa ;
Quer eu evoque a sombra infame da Bastilha,
Quer eu relembre Comte ou veja Victor-Hugo
Soffrendo a nostalgia — o intimo verdugo —
Alem, sobre uma triste e pequenina ilha ;
Eu fito o seu perfil puro como um espelho,
Dobro-me em frente della e dobro o meu joelho,
E sinto penetrar-me o rude magnetismo
Que tem, p'ra quem o mede, o fundo d'um abysmo !

.....
.....

Oh! sim! E's um abysmo, ó França laureada!
Mas o abysmo do Bem, manso como a toada

Que solta um camponez voltando do trabalho,
A' hora em que o tinir metallico do malho
Expira na officina!

E's um abysmo santo, ó Muza peregrina
De toda inspiração e de todos os hymnos!
A colera nervosa, os rubros desatinos
Que ás vezes vêm toldar a calma do teu seio
São sempre do Direito o murmuroso anceio
— O anceio que te arrasta á synthese do Justo!...

Eu bem te comprehendo, ó mãe dos Girondinos,
Eu bem te sei julgar, ó grande abysmo adusto!

1880.





NO TUMULO DO DR. APRIGIO GUIMARÃES

A' SEU FILHO CELSO

E' muito crua e triste esta verdade austera,
Esta transformação por que a materia passa,
E que deixa-nos sós ante o estertor da morte
Sentindo a alma gemer nos dentes da desgraça!

E' muito triste, sim. Abre-se a um lado o tumulo
Em que se ha de enterrar um grande cidadão,
E abre-se ao mesmo tempo a cova — desespero,
Onde se atira em pranto o nosso coração!

E' isto o que se dá neste sombrio instante:
Vemos á nossa frente um mestre, um bom amigo,
Aquelle que ao partir para as romagens longas
Da Sciencia e da Luz levava-nos comsigo....

E ao lado, — um sentimento asperrimo, profundo,
Que turva-nos a vista e faz-nos soluçar!...
E' que gelou p'ra sempre uma cabeça heroica
D'onde vimos a Idéa e o fogo irradiar!

E' que realisou-se a fera lei.

Que importa?!

.....
Emquanto o pó e a cal fazem o seu dever,
Façamos nós o nosso: Abramos sobre o mestre
A' urna de noss'alma, em que elle vai viver!

Enxuguemos um pouco as lagrimas pungidas
E demos bôa-noite ao lutador!...

A Historia

Ahi 'stá para o guardar, si os nossos peitos todos
Não puderem conter-lhe a rutila memoria!

1880.





DEVANT LA MER

{Après une promenade}

A' CLOVIS

Oh! les jours tropicaux pour que l'on se promène
Sous le soleil radieux, au long du flot que mène
La mer sur le rivage! Oh! les cieux luisants
Ouvrant au voyageur leurs splendeurs cuisants!...

Songeant à la joie de regarder les ondes
Qui viennent s'embrassant rêveuses, nues, profondes,
Chanter l'âpre musique étrange de leurs eaux,
On a, dès le matin, appretè les chevaux
Et l'on sort le midi. Le sable de la côte
Jette au front merveillè de ses aimables hôtes
Une blonde poussière egale presque à l'or!

Oh! les jours tropicaux, quand le soleil est fort
Comme un heros, et bon comme une grande fête!...

Alors on a le front, le cœur, les yeux, la tête,
Dorès par l'astre-roi en toute sa beauté,
Et l'on va hors de soi, courant comme une fée,
Sur les pierres du sol et sur les fleurs de l'âme
Qu'on a, germant au cœur, sur tous les sens en flamme!

.....

.....

Oh! les feux du tropique! Oh! les pays divins,
Semblables au Brèsil, pour faire des chemins
Un palais radieux où demeure le songe
Et la bleue phantaisie en mille detours s'allonge!...

1881.





MAVORTIA CIVITAS

A' GONÇALVES LIMA

Olinda dorme. A velha gloriosa
Que antigamente, em rubras valentias,
Ergueu a espada em frente as ardentias
Das ondas más, a fim de dar nervosa

Golpes mortaes nas hostes hollandezas;
Dorme immergida n'um silencio fundo,
Sonhando ao pé do velho mar profundo
Com as glorias idas, — marciaes grandezas!



Sonha a cidade primitiva. E o vento
Conta em soturno e lugubre lamento
Ao turvo oceano as suas roucas maguas,

Emquanto a lua — o marmor dos espaços —
Vae dando uns tons avelludados, baços,
Ao ventre nu das murmurosas aguas!

1881.





A' PROPOSITO DA «CONVERSÃO» DE LITTRÉ

A' PEREIRA SIMÕES

Facit indignatio versum
JUVENAL

Mentis, padres ! Mentis, quando dizeis que a Fé
Poude fazer voltar o busto de LITTRÉ'
Para os turvos humbraes da vossa religião,
Ou para alguma etherea e pallida visão
Chamada Creator ou chamada Jeovah.
Mentis, corvos ruins! Mentis, cafila má!
Não voltam para o antro as aguias que no azul
Se libram a pairar, de luz embriagadas,
Assim como não volta o cru jaguar do Sul
Ou d'Africa o leão ás jaulas rebentadas!



Não. Não se retrográda ao prímevo estadio.
 Bem como existe a lei que faz o inverno, o estio,
 Ha tambem outra lei chamada — Evolução
 Que marca o itinerario enorme da rasão!
 Padres! Quem uma vez deixou de crer, jamais
 Vos ha de acompanhar ás vossas cathedraes
 Ou aos vossos covis, mesquitas, cellas, templos,
 Onde vós ensinaes, mas nunca com os exemplos!
 Deixa-se o theologismo, padres, fatalmente!
 Primeiro a gente crê; depois é-se descrente,
 E depois, e por fim, os dados positivos
 Que vamos obtendo, off'recem-nos motivos
 Para não abordarmos causas e mysterios
 De que vós abusaes, indo pelos sidereos
 Mundos, á procurar infernos, deuses, céos!...

Quem, pois, como Littré, ó padres, põe os véos
 Dessas futilidades ôcas para um lado,
 E não crê porque Deus é um facto indemonstrado,
 Não volta, não recúa ou retrográda, padres,
 Para ouvir, ao morrer, vós e vossas comadres
 Mastigarem latins senis de sachristia
 Ante um Christo amarello e um'agua benta ou fria!

.....

.....

Padres! Religiões! Sois uns perversos todos!
 Chamais-nos brutos, cães, herejes, torpes, doudos;

Só as excommunhões nos daes por pagamento
Do nosso trabalhar titaneo, suarento,
Emquanto a vida está cantando em nosso peito,
Emquanto temos n'alma um sangue bom, perfeito;
Mas depois, quando algum de nós a enfermidade
Fere, e quer dar á terra — a nossa eternidade,—
Vós vindes devagar, subtis como um suspiro,
Ou como um salteador que está p'ra dar um tiro
N'uma victima, — e então pedis-nos servilmenie
Servindo-vos da voz do amigo ou do parente
Que nós amamos mais —: que abjuremos tudo,
Todo o nosso passado e todo o nosso estudo,
E que emfim reneguemos todas as idéas
Que tínhamos, as quaes eram cortantes peias
Mordendo-vos o rosto, a face sem vergonha!...

E quando, já cahida a fronte sobre a fronha,
Nós, pungidos emfim com o pranto da familia,
Dizemos-vos um «sim» sumido na escumilha
Invisivel da morte, a qual nos prende já;
Vós sahis exultando e attribuindo á Allah
O vosso vil triumpho!... O' putrida cohorte!
Como si o nosso fim, como si a nossa sorte
Fosse bem como a vossa o irmos, no infinito,
Resar eternamente a um branco e velho mytho
N'uma ociosidade ruim de barregam,
E n'uma adoração eternamente van!

.....

Padres! Só desse modo a vossa negra Fé
Poderia fazer o genio de Littré
Voltar para esse estado, o qual faz Deus... e doudos!

Padres! Religiões! Sois uns perversos todos!

1881.





LYRISMO

A' RIBEIRO DA SILVA

Era uma branca noite. Era uma noite vasta,
Nervosa, de crystal, alegremente casta,
Como um beijo de mãe n'um filho pequenino.
A lua, como um vidro ethereo, muito fino,
Ja em toda a nudez das cousas luminosas
Roçando scismadora a luz das nebulosas
E abrindo o largo céu magnetico, profundo.
O somno enchia o craneo, a palpebra do mundo
Como enche uma espiral de fumo uma caverna!
Ria-se a vastidão. A brisa estava terna
D'uma ternura tal assetinada e vaga,
Que fazia pensar nas cousas que se afaga
Com uma caricia doce e respeitosa e franca:
— Um seio bom de esposa, uma cabeça branca!...

Sahi p'ra procurar inspirações no espaço,

Que estava como um arco intermino de aço
Erguido sobre a terra. Havia me attrahido
O azul sereno e nu e candido e brunido
Dessa noite estival, marmorea, transparente,
E, egual a um cenobita, eu puz-me curvo e crente
Na immensa cathedral da funda solidão
Que mettia em silencio os campos e a amplidão !...
.....

Sorvi por muito tempo os halitos da noite.
Depois, ebrio da luz, dos sons, que a natureza
Ajuntava, ao redor, em vívida grandeza,
Eu disse p'ra a amplidão: Permite que eu me acoite

No teu collo feliz, ó languida sultana!
Consente que eu me aninhe em teu regaço enorme!
Aqui, junto ao teu seio, é só que a gente dorme
Sem sentir o amargor da ruindade humana!

Entre os homens, se tem de afivellar ao rosto
A mascara, á partir da aurora até sol posto!
Tem-se de ajoelhar ante as conveniencias

E deante das paixões e em frente ás tyrantias!
Eu quero-os esquecer! O' dá-me as harmonias
Que tens, noite ideal! Satura-me de essencias!



FIAT LUX!

(Fragmentos)

A' JOSE' MARIA

Vejo: um gigante repuxa
Do collo o anel d'um grilhão!
— E' um condor que estrebuxa
Sob as garras d'um leão.

V. PALHARES

.....
.....
.....

Sim. — Um paço mergulhado
Na infamia das bacchanaes!
E os cortezãos asquerosos

Representando jograes!...
— O nectar que a taça encerra,
— O vinho que ensopa a terra
Dos alcaçães reaes,
Ah! são as ondas de sangue
Das veias da Patria exangue,
Que agonisa entre punhaes!...

.....
.....

Não temos mais glórias. Nada!
O mundo ri-se de nós.
O despotismo emboscado
Mata na estrada os heróes!...
— Por cima dos velhos louros,
Dos trabalhosos thezouros,
Que ao Brasil deram seus bravos,
Ruge o *simoun* da desgraça,
Qual nuvem que o throno abraça
Gritando no azul: — escravos!...

Une-se o sceptro á thiara,
Juntam-se o throno e o altar.
— E' o enlace truculento
Da hyena com o jaguar!
A cruz, a c'rôa, o rosario,
Uma roupeta, um falsario,

Uma purpura, um burel,
— Ahi 'stão matando o povo,
Das gerações o renovo,
Cobrindo-os de lama e fel!

Soluçam echos trementes
De norte á sul : — maldição!...
E o rei — vampiro medonho —
Sempre a sugar a nação!...

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Oh! Mas é tempo de alçarmos
A fronte ao clarão do sol!
REVOLUÇÃO! — brade o Povo .
Essa palavra é um pharol!
Que este astro — a Democracia
Nos surja, plantando o dia
Ao pé das trevas fataes,
E nós seremos triumphantes,
Os heróes, deuses, gigantes,
De epopéas colossaes!...

Vamos. As boccas dos Andes

Gritam p'ra o céu : — Liberdade!
Que esses brados repercutam
Na matta, no ar, na cidade!...
Um throno é nada. Que cahia!
A purpura é sangue. Rasgai-a!
P'ra longe o ferreo grilhão!
Mocidade, ao gladio, á espada!
Depois o livro.... A' estacada!
De OITENTA E NOVE ao vulcão!....

1877.





A' ANTONIO PEDRO

(Na noite do beneficio dado ao Gabinete Portuguez)

O' gigante do palco! Eu sou da mocidade
O derradeiro filho, o infimo levita....
Mas embora. Ao te ver da rampa á claridade,
Eu quero te dizer que em mim tambem se agita
O doudo turbilhão dos grandes enthusiasmos
Que tu geras, titão ! perante os olhos pasmos
De todos os que têm a dita de te ver,
De toda a multidão que sente-se tremer
Em frente ao teu talento electrico, possante !...

Perdôa, pois, a audacia. O moço é sempre amante
Do estranho, do ideal, do bello e grandioso.
Toda vez que elle vê que o artista glorioso
Faz brotar, irromper das almas, a faisca
Da alegria, do amor, do odio, do chorar ;

Toda vez que elle vê, cobrindo-se de gôzo,
Que o trabalho do actor é como o teu — que risca
Na alma do assistente um traço de pezar
Ou um traço de prazer ; — o moço corre logo
E vem lançar em scena o seu applauso em fogo
O seu sincero «bravo» incandescente e puro !

E' o que eu faço, gigante ! Eu vejo que o futuro
Te prepara uma c'rôa immorredoura e grande
Maior do que o triumpho havido no presente ;
Eu vejo que em teu busto e em teu olhar se expande
Essa luz que só ha n'um astro ou n'um vidente ;
Eu vejo que ha em ti do Meio-Dia a ardencia :
Eu vejo, enfim, que dás o teu trabalho á Sciencia
Para que assim se possa incendiar os craneos
E possa solapar-se os feios subterraneos
Do Mal — com essa alavanca eterna da Instrucção....

.....

Eu vejo tudo isso, e venho te gritar
De toda a minha alma e todo o coração :

— Artista ! E's quasi um deus.... O palco é o teu altar !

1881.





NO ENGENHO

A' CARLOS PORTO CARREIRO

Cahia o vasto sol na larga cordilheira.

A branca flor da luz — a eterna vivandeira
Que anda por toda parte em giros immortaes,
E que não deixa nunca os tristes arraiaes
Do exercito sem fim que luta pela vida ;
Saltara á muito tempo em magico esplendor
Por traz de uma collina altissima, esbatida.
O dia estava em meio. Os philtros do calor
Pairavam no ambiente em morna oscillação,
E o bafo sensual que erguia-se do chão
Trazia um bocejar de forças alquebradas.

Havia em derredor escarpas, esplanadas,
Varzeas côr de esmeralda e montes de amethysta

Mergulhados em sol. Lá muito ao longe, a vista
Descobria uma casa envelhecida e fria,
Com rugas no semblante e em posição de espia
Que se agacha p'ra ver. Era a cruel vivenda
De um pequeno barão do nosso feudalismo;
Era o solar sem arte, era a ferrenha tenda
Desse typo lendario, immerso em barbarismo,
Que o rei gosta de ornar com titulos e fitas,
Com cruces de metal e cousas exquisitas,
Feitas para manchar peitos e consciencias....

Elle — o senhor de engenho — andava á aquella hora
A' folgar e á caçar com as gordas «Excellencias»
Dos intimos da casa. Andava lá por fóra
Aspirando a fragrancia esplendida dos campos,
Montado n'um *quartáo* veloz como os relampos,
A' correr e a transpor valados e riachos
Atraz d'uma raposa, horrorisada aos fachos
Dos olhos dos seus cães, valentes como touros!...

Não se lembrava, então, querendo á força os louros
De Nemrod, — que elle tinha á pouco dado ordem
Ao sahir, ao montar (quando os cavallos mordem
Nervosamente a brida impacientes, lestos)
Que «mettessem no carro» aquelle negro audaz
Que deixara escapar uns timidos doestos
No trabalho, ao feitor, um dia ou dois atraz,
Emquanto a escravatura alevantava a enxada

Para ferir a terra, e a cana amarellada
Lourejava no chão, e um carro assobiava
Seu monotono canto ardente como lava!...
Não se lembrava, não. Tanto que ao vir p'ra casa
Depois de ter batido a redondeza toda,
Erguendo o pulso ao ar n'uma alegria douda,
N'uma expansão de gloria enorme que extravasa,
Brandindo o seu fusil — elle gritava aos mais:
— Soberbo! Consegui matar cinco animaes!

Engano! Assassinara SEIS, naquelle dia:

Do «Carro» um corpo escuro e frigido pendia!

1882.





RECADO AO SOL

A' ALBINO DE NOVAES

O, Sol! Eu li não sei onde
Como cousa averiguada,
Que a tua soberba fronde
De luz, vae sendo cortada

Pelo tempo! E que um inverno
Remoto, mas implacavel,
Um dia ha de ir formidavel
Quebrar-te o vigor eterno,

Espedaçar-te a gloriosa
Purp'ra que agóra sacodes
Pelo espaço, como as odes
D'uma canção luminosa!

Não sei si creia nos sabios,
Não sei si acredite nisto ;
Mas quando vejo os teus labios,
Tontos de amor como Christo,

Beijarem soffregamente,
Queimarem nas suas brasas
O mundo todo : uma gente,
Um'alma, um bosque, umas azas ;

Mas quando vejo o famelico
Ardor com que tu te abraças
A' tudo : aos campos, ás praças,
A' relva, ao monte babelico ;

Quando admiro a baixella
De ouro, que todos os dias,
Vibrante e nú tu envias
A' terra, a fim de que ella

Sirva o almoço da Aurora
Com o vinho fino do orvalho,
E tenha prompto á cad'hora
O banquete do trabalho ;

Não posso, ó Sol, me furtar
A te dizer que és um pródigo,
E que si os astros no ar

Tivessem tambem seu codigo

De leis civis, tu de certo
Já tinhas um curador
Que te seguisse de perto,
P'ra poupar a força e a côr

Que tu esbanjas, nababo !
Pois si ao rosto até da Lua
Tu dás teu sangue ! Si estua
Teu ser como um fulvo diabo

Das lendas !...

Si fosse assim,
(Si a nebulosa em que estás
Te desse um tutor) teu fim
Não era o inverno a que vás !....

1882.





A' UMA ACTRIZ

Hespanhola. Eu não tenho a lyra rendilhada
Das bonitas canções amenas, dulçorosas,
Que os poetas do amor, dá magica toada,
Costumam dedilhar em vibrações chorosas.

Não tenho. A minha lyra é quasi que um clarim
Tocando uma alvorada eterna — a da Verdade.
Si ás vezes sahe um tom romantico de mim
E' que eu ando jurando amor á Liberdade!

Por isso não te posso, artista, decantar
N'um hymno arroubador, gentil, madrigalesco;
Contento-me em sentir-te a voz — esse luar
Com que nos vestes n'alma um brilho doce e fresco.

Entretanto.... Permite a confissão que espanta
De um receio só meu:

Eu temo que um sabiá,
Vendo quanta harmonia alaga-te a garganta,
Aos labios te vá ter.... crendo que o ninho é lá!...

1881.





AVÉ!

(Em uma festa emancipadora)

Gigante do porvir, ó Mocidade!
Erguei a fronte altiva!...

D. J. G. MAGALHÃES

Sempre este sol nesse horizonte enorme,
Sempre este oraculo nesse templo ingente!
Sempre as bandeiras desse heróe — o moço,
Beijando o ether d'amplidão ardente!
O sol, o oraculo — a mocidade altiva....
Templo, horizonte — a liberdade, a Déa....
E esses dois astros espadanam luzes,
Desses dois mundos ala-se a Epopéa!

Salve, gigantes! Neste ambiente em fogo
Desdobra as azas uma idéa santa,
Que tem seus lares no universo inteiro,
Que é Deus, é tudo, e que o passado espanta!
Eu vejo um livro a espedaçar cadeias,

Vejo a egualdade a desatar algemas!...
E vós — os moços, sobre a fronte augusta,
Tendes auréolas, ostentaes diademas!

E vêde: A auréola que vos cinge o busto
Tem mais nobreza que a corôa regia.
Esta vem sempre da conquista iniqua,
Aquella nasce de uma acção egregia!
A c'rôa d'ouro que acompanha um throno
Traz sempre o sangue a desbotar-lhe a côr!
Vosso diadema no entretanto expande
Da mil auroras o iriado alyor!...

E' que vós sois os corypheus sublimes
Da marcha eterna da humanal torrente!
E' que sentis a rugitar no seio
Da independencia o vendaval fremente!
E vendo em baixo, lá no algar trevoso,
O escravo exausto sob o vil açoite,
Descestes — anjo — p'ra lavar a infamia,
Baixastes — raio — p'ra espancar a noite!

Do escravo — cousa — levantou-se um homem,
Do — nada — ergueu-se um cidadão de pé!
Lá dos sepulchros da vetusta Roma
Sente Spartacus reviver-se até!...
Salve, gigantes! Quando o seculo — athleta,
Legar procura a liberdade á terra,

Vós abraçais-l-o e derramais enchentes
Da viva luz que vosso peito encerra.

Deante de vós a Escravidão recua;
Treme o covarde que azorruga irmãos!...
Vós — os prophetas — nivelaes as classes,
E o mundo livre vos oscula as mãos!
Mil vezes salve, americanos fortes
Que assim sois grandes como a propria gloria!
Ao ver-os nobres, condorinos, francos,
A Patria enferma grita aos céos: Victoria!

1878.





CRISE PSYCHICA

Não sei que cotovia olympica gorgeia
Dentro de mim !.....

GUERRA JUNQUEIRO

Sinto uma vibração estranha no meu ser :
Lateja-me no craneo o cerebro, e no peito
Lateja-me fervente o coração. Si espreito
P'ra dentro de mim mesmo, encontro-me á tremer !

Tenho na alma um cáhos : um biblico estorcer
De genese que está se elaborando, em leito
De mundos a surgir. Não sei o que se ha feito
De novo, de latente e grande, em meu viver.

Não sei. Mas já não basta á frivola existencia
Que arrasto, o enthusiasmo e aquella rubra ardencia
Das lutas ideaes que eu vivo provocando

Em prol da eterna Luz! Já não me basta a paz
Da consciencia forte, o louro, a gloria.... Mas
Não sei como ha de vir o que me falta, e quando!...

1882.





A' PROPOSITO DA SECCA

(Recitada em um espectáculo em beneficio dos famintos)

Silencio! Ha gritos pungentes
Ferindo a torva amplidão!...
Que de ouvir alguém não deixe
O Povo, que pede pão!
Os roucos sons do perdido,
Nas entranhas abatido
Da terra que é negra e má,
Venham rolando desfeitos
Echoar em nossos peitos,
Venham chegar até cá!...

Que nós, os moços — soldados
Da Liberdade e Rasão,
Tambem sabemos ser grandes
Nas lutas com o coração!...

Ha mortos pelos caminhos,
Agonizante entre espinhos,
E a patria tem convulsões?...
— Nós vamos colher, com flores
Lançadas sobre essas dores,
O applauso das multidões!

Aqui, as luzes e a festa,
A Sciencia abraçando a Arte,
Forjam balsamos divinos
Que vão brotar n'outra parte.
— Ahi, nessa magra terra,
Onde a Fome o dente aferra
Nos ressequidos torrões,
De onde fugiu a alegria
E onde o luto tripudia
Mostrando as torpes feições!

Que importa que o Sol abraze,
— Carrasco da natureza?
Sob o manto — Caridade
Não importa essa fereza!
O sertanejo queimado
Pede uma esmola alquebrado,
Rouquejando, á soluçar?...
Que venham nus, esfaimados,
Que em nossos seios dourados
Ha muito e muito que dar!

Juntemos nossos esforços ;
Somos Antheus co'a união.
Trabalhemos para todos
Em soberba communhão!
Passa uma moça pendida,
Quasi murcha a flor da vida,
— Arbusto que o sol seccou?...
Vamos nós com o nosso manto
Da face enchugar-lhe o pranto
Que em nossas almas calou!

Na praça mulheres nuas,
Crianças, velhos, se estorcem?
E os reptis — Febre e Morte
Nas roscas vis os contorcem?
— Uma moeda no collo
Dos filhos de ingrato sólo,
E um pão que lhes mate a fome!
Dai linitivo a essa magua,
Apagai a sêde d'agua
Que pouco a pouco os consome!

E é muito o que vos supplicam
Vossos irmãos, os malditos?
— Vingai-os da natureza
Que condemnou-los — precitos!
E, com os corações abertos,
Ide fazel-os libertos

Das fauces da Secca ingente,
Que as flores, a luz, o dia,
Vos irão na romaria
Coroar em bando algente!

Que importa que o Sol abraze
— Carrasco da natureza?
Sob o manto — Caridade
Não importa essa fereza!
O sertanejo queimado
Pede uma esmola alquebrado,
Rouquejando, á soluçar?
Que venham nus, esfaimados,
Que em nossos seios dourados
Ha muito e muito que dar!

1878.





A' UM SOLDADO QUE LIA

A' PHAELANTE DA CAMARA

.....
Bandido! Eu bem dizia! A carta do A. B. C!
GUILHERME D'AZEVEDO.

Que fazes, infeliz? Vergado ao teu fusil,
Tu lês? Como és ingenuo, ó pobre ser sem luz!
Tira o livro da mão. Pregar-te-hão na cruz,
Si houver quem vá dizer ao general, ó vil!

Que como sentinella, ali, junto á guarita,
Tu commettes tal crime! Abrir ao livro a alma
D'um soldado! Mostrar a verdejante palma
Do talento ao fusil, ao sabre que se agita

Somente quando a guerra estruge ! Canibal!
Ter a audacia de ler ! Prejudicar a *pose*
Do soldado, com o ar, com a posição fatal,
De quem pensa ! Que horror ! Ter uma força que ouse

Desviar teu olhar do cano da tua arma !
.....

Não penses mais em tal, soldado ! A tua lei
Ordena que se esfrie o craneo, para o Rei
Poder dormir feliz, sem receiar o alarma !

1882.





A' MEMORIA DE JOVINIANO MONTEIRO

Cahiste, lutador! Mordeu a larva humilde
A fronte enfebreçada.
Cahiste! Mas douraste, em fervidos anseios,
A lampada da vida!...

— A vida do homem forte, a vida de provanças,
Do cyclope hodierno;
Mas a vida pujante, a vida temperada,
A' luz do sol moderno....

E foste grande assim. A bocca do sudario
Tragou-te a trabalhar;
A cova desposou-te horrifica, funérea,
D'um canto ao palpitar.

Tombaste ao vendaval. Lufada lutulenta
Arrebatou-te ao ninho
Da Idéa e do Viver. Soluça agora errante
De uns orphãos o carinho....

E foste grande assim. Sagraste á Poesia
O coração ardente,
E buscavas sereno ao peito das sciencias
A verdade latente.

Tombaste. Hoje esse thoro gelido da morte
A' que se chama — campa
Bebe-te os threnos lyricos na bocca
E nella o «nada» estampa!

Cedeste á natureza envolto no perfume
Que tressua o talento ;
Cedeste á lei fatal. E a patria enternecida
Consagra-te um lamento.

Adeus. Des'pareceste heroico e luminoso
Da senda do existir....
E basta. A gloria é isto: — Indomita memoria
Em vivido luzir!

1878.





INTUIÇÃO NOVA

(Sully-Prud'homme)

Properamos ! Que importa aos velhos desgraçados,
Os homens mortos cedo aos quaes trahiu a sorte,
Os que sempre a soffrer fôram da vida á morte,
Cujos tumulos mesmo agora estão quebrados !?

Nada podem fazer por elles os seus filhos ;
Que as nossas invenções não podem dar-lhes vida :
Ah ! Quando eu nelles penso, este viver sem lida
Dêe-me, como um remorso, em seus modernos brilhos !

A faina humana é longa e o termo enganador:
Das nossas gerações a que por fim se fôr
Só essa, então, terá fartos graneis amigos ;

E os creadores bons da plantação fecunda
Não terão visto rir, na luz que a terra inunda,
O pacifico labio animador dos trigos !

1882.





A' MEMORIA DE TIRADENTES

(Commemorando o 21 de Abril)

Somos teus filhos, TIRADENTES! Vimos
Trazer-te um goivo e um pouco de cypreste,
Para que a voz do nosso amor te atteste
Que andamos inda a levantar, nos cimos
Da pobre patria, — aquelle templo augusto
Que tu sonhavas construir de auroras!...

*
* *
*

S'tamos ainda trabalhando. O adusto
Sol do Equador bronzêa-nos; as horas

Vão gottejando, uma por uma, do astro;
E nós, enquanto os nossos paes — os velhos,
Ouvem do throno os perfidos conselhos,
— Vamos beijando o teu cyclópeo rastro!

1882..





A' VICTOR HUGO

(Souvenir des fêtes de son dernier anniversaire)

A' CLODOALDO FREITAS]

Maitre. La France vient de croître davantage.
Elle a pris le chemin de ton vibrant foyer,
De ta demeure, où sont tous deux à s'égayer
Tes petits-fils — ces blonds, ces doux oiseaux sans cage ;

Et la voilà que frappe a ta fenêtre. En gage
De son amour pour toi, elle te veut donner
Son pur baiser de mère — un lumineux baiser
Tout plein d'odeur d'encens comme une sainte image....

Et elle est frissonnante autour de ta maison ;
On sent gemir dans l'air la grosse emotion
D'une âme universelle, immense, pantheiste...

C'est l'âme du Progrès et de l'Humanité,
Qui vient sacrer ton nom, montrant son sein gonflé.
O' bon vieillard geant, ó bon geant artiste!...

1882.





AWAY!

(Por occasião de commemorar-se o 11 de Agosto)

Estranho e forte, estremece
O coração do Brazil....
Por quem é? por quem palpita
Ess'alma enorme e viril?...
Ah! Rasgai-vos, horisontes!
Astros! Voltae vossas frentes
P'ra a terra enfaixada em luz!
Aqui são tantas as glorias,
Que ha como um mar de victorias
Cantando estrophes azues!

São como vagas sonoras
Os corpos das multidões.
D'entre os folhos das idéas

Saltam fulgidas canções.
E quando os corpos são almas
Que sobem ao céu com as palmas
Da Mocidade — o condor,
Nos murmurios da festa
Sente-se o som d'uma orchestra
Que rompe um hymno de flor!

Por isso a Patria se agita,
Pulsa-lhe o seio festivo.
Vê que o rebento do seculo
Bebe o sol fecundo e vivo!
— Vê que vós sonhaes futuros
Mais deslumbrantes, mais puros,
Que o presente enturvecido,
E mergulhaes os cabellos
Nos luciferos novellos
De um arrebol incendiado....

E diz comsigo : Meus filhos
Hão de ser-me a redempção,
Inda que tragam-me a luta
No abysmo — Revolução!
Sim. Que esse abysmo profundo
Tem nas entranhas um mundo
De coriscos e de sóes....
Mas sempre arroja do peito,
Inda que em sangue desfeito,

Um amalgama de heróes !

.....

.....

Não ha filho que abandonne
A mãe que soffre e que chora ;
Mata-lhe a dôr cruciante
Prende-lhe ao busto uma aurora !
Portanto, ó moços ! atletas !
Vós que sois bons, sois poetas,
E tendes raiva do mal,
— Animai a patria, o mundo,
Que, assim, d'um antro profundo
Fareis alva universal !...

1878.





O MARQUEZ

(Em uma festa do centenário de Pombal)

Um vasto templo artístico e sonoro.
A nave enorme. O còro rutumbante
De musicas de amor. Uma ondulante
Athmosphera, igual á um meteóro

Na côr dourada. O herculeo respirar
De immensa multidão enchendo as portas.
Um como renascer de edades mortas
Vibrando alem, nas solidões do ar!...



Um grande throno, um largo altar brunido
No centro dessa egreja. E nelle erguido
Um vulto, um velho, athletico, ideal,

Que estende os labios n'um sorriso quente!...
— O templo é o Sec'lo. O solio reluzente
E' a festa d'hoje. O vulto bom — Pombal!

1882.





DIA DE FINADOS

(Jean Richepin)

Não se viu hoje o céu. Opaco, pardacento
E rasteiro, ficou suspenso o nevoeiro.
Morria todo olhar na lamina do vento,
— Metal que não traspassa um raio só ligeiro.

Sómente pela tarde, á beira do zimborio
Pesado, uma luzinha, igual á sangue em fio,
Estende-se, escorrega em furo merencorio:
Lavou-se o nevoeiro em gottas d'aureo rio.

Faz-se em franjas, se funde em tintas opalinas.
Veem-se para o chão nevar languidamente
Pedaços de vapor, flócos de purp'ras finas,
Que vão em turbilhão, correndo velozmente.

Dous meninos, alem, deitados a uma porta,
Os bons olhos azues alargam deslumbrados.
Pensando n'uma valla e em sua mãe já morta
Gozam, vendo florir do inverno os brancos prados...

E' que esses purpurinos véos são como rosas
Que perfumam do céu as verdes primaveras,
E que o bom sol sacode, em tardes tristurosas,
A' terra adormecida em gelidas esferas!

1882.





LIÇÃO DE HISTORIA

A' VIRGILIO BRIGIDO

A FORÇA tinha sido levantada
Bem no meio da praça. A luz, vibrada
Pelo nervoso sol americano,
Vinha bater no tronco deshumano
Daquelle poste afoitamente erguido
Para o concavo céu louro e brunido.
A alma grande, feita de ouro e de aço,
Que o Povo tem para os solemnes dias,
Pulsava ali em curvas fugidias
Como no mar um ramo de sargaço ;
E enquanto a plebe, entre os soldados bruscos,
Via luzir os duros sabres fuscos
Pousados nus em musculosos hombros,



A multidão enchia-se de assombros
Por ver o réo com que infinita calma
Subia lento o caldafalso negro!
Nesse momento, um scintillante *alegro*
Cantava a brisa na sonora palma
D' arvore espessa de um quintal visinho.
E então o réo, tonto do ethereo vinho
Que a morte dá na taça do martyrio
— Taça que é mixto de azinhavre e lyrio —
Ao labio heroico de quem foi gigante,
De quem comeu do trigo das Idéas;
Começou magestoso e penetrante
A' dar ao povo a conta das cadeias
Que elle tentara espedaçar, delir!
Fallou sereno. E, quando ouviu tinir
Ao pé de si o ferro do calceta,
Que vinha pôr-lhe a longa corda preta
Em derredor do indomito pescoço,
Elle, do olhar cavado como um fôssso,
Deixou cahir em bôlhas iriadas
O seu *adeus* endereçado ao povo!
E era cadaver logo após!... Rendadas,
Leves no azul e d'uma alvura de ôvo,
Iam as nuvens em novellos soltos
No espaço enorme, imperecivel, curvo,
Como cabellos de ancião, revoltos!...
A Forca, então, no rijo braço turvo,

Poz-se a embalar o martyr, cujo esquiife
Era a amplidão.... Findara RADCLIFF!

* * *

A' mesma hora em que esse cão morria,
O Imperador PEDRO I — ria
Nos braços nus e sensuaes da amasia,
— Sua Ninon e sua doce Aspasia.
Ria e gosava. Alguns momentos antes
Tinham vindo pedir-lhe pelo réo:
Invocara-se os nomes dos infantes,
Invocara-se a Virgem, Deus, o Céu,
E elle fugira e respondera : *E' tarde!*

.....

Fizera mesmo, no seu paço, alarde
De que estava na casa da *Marqueza*,
E viera beber a *morbidezza*
Do jaspeo seio da mulher que amava,
Para fazer arrefecer a lava
Do seu lascivo sangue bragantino,
Duro como uma faca de assassino !

.....

.....

Quando, mais tarde, abrindo a gelosia
Para sorver um pouco de alegria

Na immensa luz que assediava tudo,
O Imperador viu, n'um recanto mudo
Da negra praça, o poste vingativo
Qu'inda agitava sob o azul sem crivo
O cadaver do heróe assassinado ;
Su'alma negra apenas teve um brado :
— « Marqueza, corre em meu real encalço !
« Quero um milhão de beijos e de abraços !
« Olha : Eu desejo te pender dos braços
« Como aquelle villão do cadafalso ! »

1882.





SALVE !

(Recitada em um espectáculo festejando o 1 anniversario do
Decreto de 19 de Abril)

A' LANDELINO CAMARA

Moços ! Bem como os Vezuvios
Nas horas das convulsões
Abrem as rubras entranhas
Cuspindo ao ar explosões,
Assim nos dias gigantes
Que fulgem como brilhantes
No seio immenso da Historia,
Eu sei : — vós tendes idéas
Que valem por epopéas,
Por monumentos de gloria !

Quando nos craneos possantes

Dos corpos livres e novos
Vibra a cellula da luta,
Que abala os mundos e os povos;
Irrompe a douda voragem
Treda, sublime, selvagem,
Que lança a terra no pasmo,
E a Mocidade e o Direito
Abrindo a cratera — peito
Mandam fallar o enthusiasmo!

E' este o espectaculo enorme
Que vós nos daes neste instante:
— A Luz saudando a Sciencia,
— A mocidade triumphante!
Aqui, neste templo augusto,
Em que das Artes o busto
Radia como um pharol,
Eu sinto que as vossas almas
Passam, no meio das palmas,
Deixando resteadas de sol!

Ha no estandarte moderno
Uma divisa de luz,
Mais pura que uma creança
Mais santa do que uma cruz!
Por ella batem-se os Gracchos,
Fazem-se fortes os fracos,
Peleja a eterna Verdade,

E ouvindo o seu nome ingente
Por entre a arena inda quente
Diz o echo: — Liberdade!

E vós viestes ufanos
Dos visionarios na grei
Saudar a vida da idéa
Da liberdade na lei!
Sahistes nobres, risonhos,
Do ninho dos vossos sonhos,
Do leito das illusões,
E ergueis os peitos ousados
Mostrando aos povos pasmados
O que valem corações!

Sim. Que esses moços que pensam
Da patria na redempção,
Vieram mirar nest'hora
O albor da nova rasão!
— Quando surgiu do horisonte
Banhando cada uma fronte
A aurora do grande dia,
Passou por todos os peitos
Em sons ethereos, desfeitos,
Uma celeste harmonia!

Era a musica divina
Da liberdade do estudo.



Era o ensino passado
Que tombava esteril, mudo.
O *officialismo* cahia
Entre a caligem sombria
Que lhe toldava o viver,
E a mocidade fremente
Via o futuro esplendente
Abrindo-lhe um ninho ardente,
Com as pompas do rosiclér !...

Moços! Bem como os Vezuvios
Nas horas das convulsões
Abrem as rubras entranhas
Cuspindo ao ar explosões,
Assim nos dias gigantes
Que fulgem como brilhantes
No seio immenso da Historia,
Eu sei — vós tendes idéas
Que valem por epopéas
Por monumentos de gloria !

1880.





A' JOAQUIM D'ALMEIDA

(Representando-se a comedia portugueza *O Rosalino*)

Artista ! Ergue essa fronte honesta e laureada
AA's plagas do porvir, onde o horisonte é luz!
No frenetico ardor que vòa destas palmas
Não vês que, para ti, a sagração transluz?...
.....

Um dia tu deixaste as magicas paragens
Da Europa — a velha mãe, do velho Portugal,
E vieste entre nós haurir o santo enleio
Que verte-nos no peito a aragem tropical....

Chegaste. E a natureza abriu-te o seio immenso.
Chegaste. E o nosso povo abriu-te o coração!
—È que o anjo do palco acompanhava sempre
As pégadas do filho, em rubido clarão!



E quando transpuzeste as sombras do scenario,
E quando o teu perfil se aureolou, cresceu,
Houve um deslumbramento, uma alegria insana,
Que fez sorrir da terra ás cryptas do céu !

E tu mediste, grave, a multidão que ouvia.
Filtraste-lhe no corpo um fluido divino,
E quando o entusiasmo embriagava as almas
Abriste na ribalta o olbar do « Rosalino » !

E o teu talento, então, que erguia-se soberbo
Como um passaro-rei á dominar os ares,
Librou-se n'amplidão esplendida, serena,
De que Salvini occupa os luminosos lares !

E a Arte viu no espaço um panorama estranho :
— Era o filho immortal do Tejo crystallino
Que alçava heroicamente o genio da comedia
Ao lado do *Hamlet* do Rossi peregrino !

.....

Artista ! Ergue essa fronte honesta e laureada
A's plagas do porvir, onde o horisonte é luz !
No frenetico ardor que vòa destas palmas
Eu vejo a sagração que para ti transluz !

E pois que o teu talento escalda-nos o seio,

E pois que a tua gloria estruge neste instante,
Artista! Apanha a flor, o applauso, que se crusam,
E deixa-nos dobrar em frente ao teu semblante!

1880.





HYMNO IDEAL

(28 de Setembro)

Canta-se um hymno. Parece
Que a terra mudou-se em harpa,
Tremendo como uma prece,
Aguda como uma escarpa.

Evolam-se as notas. Soltos
Bóiam no ar os poemas.
Andantinos desenvolvos
Da orchestra saltam. E as gemmas

Dos sons rutilam no espaço,
Como um esplendido abraço
De joias alvas, toantes !

.....

E' que o planeta festeja
A gloria do escravo.... e o beija
Como se beijam amantes!

1882.





SCIENCIA E ARTE

(Recitada em scena aberta por Antonio Pedro, em a noite de 26 de Setembro, ao ter logar o beneficio offerecido ao *Gabinete*.)

Esta festa è do amor, da doce caridade
E da serena luz da magica Instrucção.
— E' a Arte dando um beijo amigo na Sciencia,
E' um abraço immortal d'um craneo e um coração.

O craneo é o pensamento, o raciocinio, a Sciencia;
O coração é a alma, o sentimento, a Arte.
Ah! Como esta união derrama luz fagueira
Aqui, ali, aquem, além, por toda parte!...

* * *

A Sciencia e a Arte — as duas gemeas louras!
Oh! que divino amor! Oh! que celeste enlace!

Quando uma dellas beija o homem sobre a fronte,
A outra dá-lhe logo um osculo na face!

E como são fieis, compadecidas, boas,
Essas duas irmans, bonitas como auroras!...
Quando uma quer prestar serviço á Humanidade,
A outra vem lhe dar seus intimos emboras!

E quando vão-se, vão-se, atiram-se no mundo,
A fim de beber luz e de apanhar laureis,
Oh! Nem eu mesmo sei como ha quem não se atire
A's plantas fraternaes, aos seus divinos pés!

Essas duas irmans, essas serenãs deusas
Encontraram-se aqui. E a festa que estão dando
E' tal, que em frente della é justo nos curvemos,
Assim como se faz á um homem venerando.

Sim. Que a festa é do amor, da doce caridade,
Da luz primaveral que chama-se Instrucção.
Eu creio não haver acção mais caridosa
Do que encher de clarões o cerebro, a rasão!

1881.





A' POMBAL

(No dia do Centenario)

Como aquelles heróes olympicos de Homero
Vestidos do crystal das longas armaduras,
Que, rolados no chão com a lança, o dardo féro,

Jaziam sobre o pó, quaes epicas figuras
De severos titães, após haverem posto
No campo, em derredor, nos ares, nas alturas,

O ruido colossal da sua queda, e ao rosto
Do inimigo cruel terem cuspidos o sangue,
— O sangue de leão, negro como um desgosto;

Assim te vejo agora, ó vulto nunca exangue,
Lançado ao necroterio esplendido da Historia,
E ainda a conservar no busto a curva langue

D'um athleta que cahe, bem que no pó da gloria!
Sim. Vejo-te, Pombal, estranhamente bello
Por entre a cerração dos mares da memoria

Humana. Agora mesmo, agitas o cabelo
Molhado pela treva esqualida da cova
A' que ha cem annos deu-te o eterno pesadello,

E sacodes o olhar aos plainos da Era Nova,
Depois de enviar tambem ao tempo em que viveste
Um outro olhar de amor, doce como uma trova!...

* * *

Foste um grande, Marquez! Pensaste muito e creste
No futuro da Patria e no da Humanidade,
Foste um trabalhador, desses que a Idéa veste

Dessa blusa vibrante e enorme da Verdade,
E é por isso que agora as gerações modernas
Vêm accender, de mais, um cyrio na cidade

Dos mortos immortaes, e trazem mil luzernas
De amor, de gratidão, de reconhecimento,
A fim de te adoçar as sombras sempiternas!

E sabes a razão desse procedimento
Humano, fraternal, magnifico, exemplar,

Dos posterors? E' esta: — Um assimilamento

Do teu trabalho antigo e do arduo labutar
Hodierno! E' que si tu baniste os Jesuitas
Da Patria, nós tambem vamos cortando o ar

Com os nossos gritos bons de aspirações bemditas
Pedindo a banição do Mal de sobre a terra,
— Este paiz astral de rôtas ia finitas!

E' que assim como tu, sem o pavor que cerra
Os membros, construiste em cima de Lisbôa,
Após um terremoto horrendo como a guerra,

Um'outra capital com forças de leôa
Para servir de tenda aos teus irmãos coevos,
Assim nós, os de hoje, unimo-nos a tôa

Em roda do edificio erguido pelos evos,
E vamos, ora a erguer, ora a reconstruir
Os muros, solapando os velhos erros sévos!...

*

Já vês que te é devida a apotheóse. Agir,
Pensar, amar; erguer e venerar os velhos,
Que souberam deixar exemplos e conselhos,
E' a nossa missão e a de outros que hão de vir!

1882.



LALIE

(Reminiscencia do *Assommoir*, de Zola)

Tinha um olhar tão vago a pobresita,
Que parecia o de uma estatuâ antiga.
E quando o pae, rubro de vinho, em grita,
Vinha puchar-lhe a saia de mendiga

Para batel-a, hallucinado, cego;
Ella, coitada, nem siquer fugia !
Mostrava apenas o profundo pégo
Dos seus dois olhos onde a dor chovia...

E, com o carvão da tremula pupilla,
Era depois, á meio já tranquilla,
Que ella aquecia os frios irmãositos ;

Até que um dia, indo espancal-a o pae,
Lalie morreu, gemendo, triste, um *ai*
E olhando meiga os magros pequenitos!...

1882.





A' CARLOS GOMES

Dans le faubourg Saint-Marcel, sous
les toits, l'hiver, auprès d'un poëte
sans feu, des petites filles, demi-nu-
es, accroupies et grelottantes, tra-
vaillent.... Leurs petites mains rou-
ges d'engelure, tournent et tournent.
Les poëtes ressemblent a ces petites
filles; les idées sont leurs bouquets
de violettes!

EDMOND ET JULES DE GONCOURT

Sim. E' isso. O poeta é a ramilheteira
Do *faubourg* do Ideal; Ora em febril carreira

Prende ao seio da Sciencia as rosas d'uma rima
Como um nervoso amante, ora, á cravar em cima,

No céu azul, o olhar tremeluzente e vasto,
Rouba as pet'las ao sol para enflorar a terra ;

Ora, enfim, deposita um beijo rubro e casto
Na testa d'um irmão, e então é que descerra

A lyra, para dar-lhe um ramo de violetas....



Meu ramo, eil-o. A mulher sagrada em cujas têtas
Se têm criado Homero, o Dante, Stupuí,

E toda a legião flammivoma de frontes
Que vivem a estuar como vulcaneos montes....

— Mandou-me pôl-o aos pés do autor do *Guarany!*

1882.





A' UMA CANTORA

Tres estrophes somente, artista. Quando assisto
A uma festa qualquer que a musica sublima,
A' um concerto onde os sons, ingenuos como Christo,
Vão cantando, cantando, a fulgurante rima

Da musica que sonha e que nos faz sonhar ;
Eu procuro no canto ou no dulçor da festa
Os melodicos sons que as aves da floresta
Solpejam joviaes da folhagem no mar !

E' que, artista ! eu adoro a eterna natureza !
E ouvindo o teu trinar de passaro, impolluto,
Digo para a amplidão : A intermina pureza
Da sua extensa voz é doce como um fructo !

1882.



AO MAR

(Versos escriptos em uma columna do Lazareto do Pina)

A deus, ó mar! Quando eu cheguei, choravas
Teu monotono choro soluçante,
E ainda agora eu vejo o teu semblante
Crispar-se á dor que cospes nessas bavas!

Choras ainda. Bem. Já que te é sina
Viver vertendo em turbilhões o pranto,
Chora, oceano! O' mar, soluça tanto
Quanto o pedir tua alma leonina!

1882.



3 0000 006 706 984

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**



